O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 25 DE NOVEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:318

E' um dos nossos correspondent *r* em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A ultima palavra.—Desmentido.—A dissolução.—De recochete.—A carta pastoral do ex.mo e rev.mo sr. arcebispo de Evora.—Commissão Districtal.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—Um medico envenenador.—Folhetim: Magdalena.—Carta pastoral.—Litteratura.—Agricultura.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

A ultima palavra

O *Correio da Noite*, dando conta da conferencia realisada entre o sr. conselheiro Luciano de Castro, nobre chefe do partido progressista, e o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, illustre chefe da situação, diz pela forma seguinte a ultima palavra sobre a attitude do partido progressista em face dos acontecimentos:

«Consta-nos que hontem se realisou a annunciada conferencia entre o sr. presidente do conselho de ministros e o sr. José Luciano, em casa de este ultimo. Somos informados que o sr. presidente do conselho, depois de procurar convencer o chefe progressista da necessidade da dissolução para definir a sua situação partidaria, lhe propoz e instou vivamente com elle para acceitar um accordo eleitoral com o governo, em que este garantiria ao partido progressista a sua actual representação na camara.

Sabemos que o sr. José Luciano, depois de mostrar ao sr. presidente do conselho as funestas consequencias, que para a corôa, para o paiz, para a resolução das nossas difficuldades financeiras, para as relações dos partidos politicos e para o proprio governo, que nada lucraria com uma dissolução feita por conveniencias partidarias e sem a menor indicação constitucional, declarou terminantemente que recusaria quaesquer accordos ou combinações eleitoraes com o governo, e que se collocava em clara, franca, e decidida opposição, dando por quebrado o accordo, ultimamente imposto pelas circumstancias, para resolver o nosso problema financeiro, e ajudar o paiz a vencer a angustiosa crise que vae atravessando.

*

Está, pois, claramente determinada a nossa situação. Estamos ao lado do rei contra os seus ministros. Defendemos a Constituição, os principios fundamentaes do governo representativo, os mais altos interesses do estado, contra uma conspiração palaciana, que pretende afastar a corôa do caminho recto do dever para a tornar cumplice das intrigas e das conveniencias de uma facção politica, desmantelada pelas suas divisões internas e exautorada perante a opinião.

Tal é o estado da questão.

Temos dado sobejas provas da nossa isempção e cordura. Desde 1890 até hoje nunca fomos convidados a assumir o poder, mas nem nos queixámos da nossa exclusão, nem deixámos de prestar a todos os governos o serviço desinteressado do nosso humilde concurso, nos assumptos de que dependia a restauração da fazenda nacional. Acceitámos de bom grado o nosso ostracismo, e apenas solicitámos para nós um logar ao lado dos que trabalhavam pelo renascimento da patria. Os nossos adversarios teem sido os favoritos da fortuna e do poder. Não lhes temos invejado as prosperidades, nem nos havemos atravessado no seu caminho, quando em intrigas e conjurações palacianas disputavam as adoradas pastas. Que mais queriam? Que mais podiam desejar? Querem agora e desejam o nosso concurso para darem o mais fundo, e por ventura o ultimo golpe n'esse resto de constitucionalismo, que ainda por ahi existe, no meio da indifferença, do descontentamento e do despreso geral? Contavam com o nosso accordo para essa transparente farçada, para essa comedia ridicula?

Pois enganaram-se. Não acceitamos accordos. Podiamos ter sem trabalho nem sacrificios a nossa actual representação na camara. E' isso o que nos offerecem. Agradecemos a cortezia e a lealdade da proposta, mas não acceitamos. Em taes condicções, preferimos a guerra, com todas as suas consequencias, á paz com todas as suas vantagens. Sabemos o que nos espera, se tivermos de entrar na lucta eleitoral. Pois antes isso. Tudo menos a vergonha d'um accordo, que representaria o preço d'uma indecorosa transacção. Saltem por cima da Constituição, do rei, do paiz, de nós, mas deixem-conservar intacta a velha tradição progressista da intransigente lealdade aos principios da escola liberal.

*

Aconselhamos desiteressadamente a corôa a que se não associe ao attentado a que pretendem arrastal-a. Nenhuma paixão nos inspira. Nenhuma concorrencia partidaria nos move a penna. A dissolução d'uma camara que appoiou incondicionalmente o governo é um erro, que pode ser de funestissimas consequencias. A opinião geral é unanime em a condemnar. E um expediente da triste politica partidaria. E' um acto desnecessario, e portanto perigoso. Não o exige nem a salvação do estado, nem a salvação do proprio ministerio, ao qual só pedimos que governe em bem do paiz. E' mais um motivo para augmentar o descontentamento publico e o descredito do regimen constitucional. E' uma falta irreparavel.

Somos amigos do rei. Lealmente lhe diremos que o poder moderador não pode estar ao serviço de quaesquer carrilhos ou facções politicas. Se nos não ouvir, peior pare elle e peior para a nação. Por nossa parte, temos cumprido honradamente o nosso dever. Com a consciencia tranquilla acceitaremos sem hesitação todas as consequencias dos nossos actos e opiniões.»

Fica, pois aberta a guerra, visto que assim o querem.

No seu posto de honra, o partido progressista auxiliou emquanto poude a situação. Agora, desde que lhe é lançado o cartel de desafio, assuma cada um as suas responsabilidades, e vamos para a lucta, que é esse o dever de todos.

Desmentido

Não pode havêl-o mais solemne, mais cathegorico, mais claro nem mais terminante.

A' insinuação dirigida pelos seus adversarios, e por vezes levantada pela imprensa progressista, de que o velho e liberal partido popular não quer assumir a gerencia dos destinos da nação, responde agora, e com aquella auctoridade superior com que pode fazêl-o, o nosso esclarecido collega e orgão-chefe do partido, o *Correio da Noite:*

«Os jornaes inspirados pelo sr. ministro do reino, referindo-se ao partido progressista, dizem e repetem que se este não quer o poder, não deve crear embaraços ao governo, na realisação do seu proposito de dissolver uma camara que lhe votou, quasi sem discussão, todas as suas propostas, e lhe não levantou a menor difficuldade á sua marcha politica e administrativa.

Isto requer uma breve e singela explicação.

Nós não ambicionamos o poder, e porque consideramos indispensavel o concurso de todas as forças politicas do paiz para a restauração das suas finanças e para o restabelecimento do seu credito, temos posto ao serviço do ministerio a nossa modesta, mas sincera e leal cooperação, arredando quaesquer propositos ou ambições partidarias, e contentando-nos com o quinhão do trabalho e responsabilidade, que nos tem permittido tomar na obra patriotica da salvação commum.

Não temos disputado o poder. Não o disputamos ainda hoje. Afastados das parcerias e camarilhas, onde se formam as intrigas e se tecem as conjurações para a conquista das pastas, ninguem nos tem visto rojar-nos humildes nas regiões, em que a bajulação hypocrita é muitas vezes um titulo de capacidade, nem praticar nas nossas relações com os differentes ministerios qualquer acto de interesseira deslealdade, que nos encurtasse o caminho que leva á posse do governo.

Mas—entendamo-nos bem — uma cousa é não sollicitar o poder, e outra é não o acceitar, quando a opinião publica e a confiança da corôa nos chamem a exercel-o. Desde janeiro de 1890 até hoje, nunca o partido progressista foi convidado a assumir essas graves responsabilidades. Não se queixou por isso, e ainda hoje se não queixa. Tem até folgado, que, depois da sua demissão, ha quasi 4 annos, todos os grandes homens e as capacidades financeiras e politicas do reino tenham mostrado a nacionaes e estrangeiros quanto valem, e para quanto prestam tão preclaros estadistas. Não obstámos a nenhuma experiencia. Não recusámos o nosso concurso senão aos que o não quizeram acceitar. Ninguem nos ouviu um protesto. Ninguem percebeu o clamor dos nossos despeitos, nem sentiu o desforço das nossas impaciencias.

Mas esse despretencioso e altivo procedimento não dá a ninguem o direito de nos excluir do governo, com o pretexto da nossa voluntaria e systematica recusa. Quando formos chamados a acceitar os encargos do poder, diremos claramente se podemos exercel-o, e as condições em que nos prestamos a fazel-o. Por ora ainda não declarámos, nem auctorisámos ninguem a declarar, que o não acceitamos. Isso é comnosco. Se estamos ou não habilitados para o acceitar, ver-se-ha na occasião propria. Tambem isso nos pertence só a nós. Cuidem os nossos adversarios do que lhes respeita, e deixem-nos governar em nossa casa.

E ficamos entendidos.»

Ninguem pode duvidar agora da attitude do partido progressista. O que o *Correio da Noite* declara positiva e terminantemente, são factos que uma vez mais vieram justificar as nossas affirmações de todos os dias, e demonstrar que a direcção suprema do partido progressista, confiada ao tino, á prudencia, á razão e ao esclarecido criterio do seu nobre chefe, segue, além dos bons principios constitucionaes, a verdadeira orientação e a verdadeira vontade d'essa cavalheirosa agrupação politica. Folgamos por poder dar este solemne desmentido, e transcrevemos com satisfação as declarações do prezado collega.

A dissolução

Dão os amigos do governo, como irrevogavel a sua fatal resolução de dissolver a camara. E', pois, verdade, que o sr. ministro do reino tenta levar por deante o seu proposito de fazer romper abertamente a corôa com a nação!

Mas para isso é necessario que se esqueçam todos os deveres de honra e de patriotismo e se não tenha a minima parcella de senso politico. Arrastar o rei a perfilhar dos maus actos d'um conselheiro sem tino, é sujeital-o a uma grave responsabilidade, que elle não póde nem deve acceitar. Para isso é necessario que se não tenha a menor moção do brio e a menor especie de escrupulos.

A proclamação d'essa declaração de guerra sem quartel, é um attentado contra o throno, que ficará com a exclusiva responsabilidade do feito, arrostando com todos os perigos d'uma conflagração geral em que serão lançados os elementos da politica nacional.

Se o governo não pode governar, demitta-se; mas salve-se a honra das instituições, salve-se o nome do paiz, salve-se a corôa d'essa medonha temeridade. O sceptro do rei, pode ser o simbolo da justiça, mas nunca o gladio vingador. A missão do monarcha é toda paz; não pode agora transformar-se em commando da contenda. Estamos ainda em que o tino politico e a reflexão experimentada do illustre chefe do governo, fará conter os desvarios imprudentes do sr. ministro do reino. São por isso os nossos votos.

De recochete

O jornal do sr. Dias Ferreira, o *Tempo*, despede-lhe de vez em quando d'esta artilheria.

«Estamos em pleno regimen de vida velha. A tal respeito ja não pode haver sombra de illusão.

Os mesmos processos de immoralidade e corrupção; os mesmos esbanjamentos que nos trouxeram á ruina e ao descredito; o mesmo nepotismo como preparativo eleitoral; a mesma criminosa indifferença perante os perigos que nos ameaçam; o mesmo desprezo pelas reclamações da opinião publica; em tudo e por tudo a mesma vida airada em que se inutilisaram tantos homens de talento e se afundaram as esperanças de uma necessaria e immediata regeneração do paiz».

Então não é a apreciação dos proprios feitos que o ex-ministro faz? E' que a respeito de immoralidades, corrupções e esbanjamentos, ninguem praticou ainda como elle. Talhe embora a carapuça aos outros, mas colloque-a primeiro na cabeça, que lhe serve muito bem.

A CARTA PASTORAL DO EX.mo REV.mo SR. ARCEBISPO D'EVORA

Acabamos de lêr a evangelica, liberal e catholica Carta Pastoral, de s. ex.a rev.ma, que é um dos documentos mais reveladores da sua grande intelligencia e da nobresa do seu caracter.

Espirito esclarecido, alma formada na sciencia do bem, pregando a grande doutrina do Evangelho, o rev.mo Arcebispo d'Evora, é hoje um dos prelados que mais sabe comprehender como sua santidade, o liberal Leão XIII, o espirito da sociedade moderna, e n'este intuito dirigiu ao illustre cabido d'Evora e a todos os parochos e sacerdotes e a todos os fieis da sua Archidiocese, uma Carta Pastoral, com respeito aos grandes e graves tumultos que tiveram logar alli o mez passado, e que foram promovidos por meia duzia de espiritos irrequietos e desiquilibrados, que, não pensando nas consequencias, *levaram os seus destemperos* a uma lucta que podia trazer graves consequencias.

Já aqui dissemos, e s. ex.a o repete na sua Carta Pastoral, que a religião do Crucificado não é forçada, e que ninguem nos obriga a ir ou deixar d'ir aos templos, ou cathequeses e a todos os actos da religião.

Se ella não é obrigatoria, se cada um pode pensar como quizer, que tem os taes livres pensadores, os republicanos, com o clero e com as suas cathecheses? Nada absolutamente; e as authoridades não devem consentir que se insultem nem offendam os representantes de Christo na terra.

Podemos viver sem religião? E' absolutamente impossivel; e ai da sociedade que leva os seus principios a tal descrença e a tal ignorancia.

De mais, a religião christã, é por si só, tão bella, tão humana, tem tão grandes raizes na nossa existencia, que não podemos deixar de a amar, como o principio da sabedoria.

O illustre prelado d'Evora, publicando a sua Carta Pastoral, mostrando bem clara e bem logicamente quaes são os seus principios de justiça e rectidão, provou até á evidencia, que não é reaccionario e que não deseja vêr as suas ovelhas desgarradas pelos invios caminhos do erro.

Dando hoje principio á publicação da sua pastoral, prestamos a devida homenagem ao talento, ao saber e á extremada bondade de tão illustre e venerando prelado.

Commissão Districtal

SESSÃO DE 23 DE NOVEMBRO DE 1893

Presidencia do ex.mo sr. conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia. Presentes os vogaes srs. Ladeira de Castro, Pereira Junior e Ribeiro Junior, não comparecendo o secretario sr. dr. Marques Mano.

Approvou os orçamentos das juntas de parochia de Villa Chã e de Travanca, concelho d'Oliveira d'Azemeis; de Cazal Comba, concelho da Mealhada; e de S. Christovão, concelho d'Ovar, todas para o corrente anno de 93.

Approvou o 1.º orçamento supplementar da camara municipal da Feira para o corrente anno.

Approvou a deliberação da camara muuicipal d'Ovar, de 18 de julho ultimo, sobre licenças para construcção d'obras.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Nem do Rio de Janeiro, nem de Mellila, chegam noticias que afirmem a conclusão das pendencias que se agitam n'aquelles pontos do globo. Tudo indiciso e em parte contraditorio—tanto que não nos atrevemos a dizer mais do que fica dito. O que é fora de duvida é, que o estado actual de cousas em qualquer d'aquelles pontos, não póde continuar, e deve ter uma solução muito proxima. E' o que importa.

CARTA DE LISBOA

24 DE NOVEMBRO DE 1893.

Está dita a ultima palavra sobre a projectada dissolução. O sr. presidente do conselho procurou hoje o illustre chefe do partido progressista e apresentou-lhe a ideia, garantindo ao partido a representação que actualmente tem no parlamento. O sr. José Luciano de Castro respondeu negativamente á proposta, e o modo nobre e altivo porque o fez dil-o o *Correio da Noute* no seu artigo editorial de hoje, artigo que, como outros que alli se teem publicado nos dias anteriores e sobre o mesmo assumpto, se attribuem á penna de s. ex.a. Assim, a questão está plenamente posta e dirimida, e posta de modo que a corôa não a poderá resolver satisfatoriamente, havendo por isso quem creia que a queda do gabinete está por pouco—pois que a solução contraria seria fatalissima para o paiz e para as instituições.

A commissão executiva do partido ha de reunir-se ámanhã, ás 8 da noute, no grande sallão do illustre chefe do partido, e ahi se tomarão as resoluções que o caso exige. A' reunião, para que se convida, assistirão todos os pares e deputados e ainda outros homens importantes da nossa politica, que estejam em Lisboa. Demais será dizer que a opinião de todos é a que o illustre chefe tão solemnemente tem manifestado sempre. Estamos, pois, na vespera de importantes acontecimentos politicos.

— O conselho d'Estado reuniu hontem para resolver sobre a convocação da camara alta para julgamento d'alguns pares. Sobre o facto o *Diario* de hoje publica o seguinte decreto:

Attendendo ao que me apresentou o presidente da camara dos dignos pares do reino acerca de se acharem preparados para entrar em audiencia os processos instaurados contra os dignos pares conde da Folgosa, conde de Thomar, visconde de Bouça, marquez de Alvito e João José de Mendonça Cortez: Hei por bem, tendo em vista as disposições da lei de 15 de fevereiro de 1849 e ouvido o conselho de Estado, convocar a camara dos dignos pares do reino para o dia 29 do corrente mez, afim de que constituida em tribunal de justiça, possa julgar-se a procedencia ou a improcedencia da accusação de pronuncia.

O presidente da camara dos dignos pares do reino assim o tenho entendido para os effeitos convenientes. Paço, em 23 de novembro de 1892.—REI.—João Ferreira Franco Pinto Castello Branco.

— Corre que o sr. Antonio de Serpa se retira da politica activa do partido, entregando o bastão do commando a quem de facto o está exercendo—ao sr. Hintz Ribeiro.

— Vae ser nomeada uma commissão de technicos, composta de tres officiaes de marinha, para avaliar das vantagens que possa haver na acquisição de alguns vapores da Mala Real Portugueza. Indigitaram-se para essa commissão os srs. capitão de mar e guerra Lopes de Andrade, capitão de fragata Sanches de Gusmão, e capitão tenente Machado. E' opinião dos entendidos que a acquisição pelo Estado dos vapores da Companhia seria de grande vantagem. Veremos, porém, o que faz o governo. Deixal-os ir para estrangeiros isso é que não póde ser, reconhecido como está que são barcos que podem transformar-se até em bons navios de guerra ligeiros.

— As despezas das nossas provincias ultramarinas deixaram de ser um encargo para o Estado, pois que todas ellas produzem já um saldo positivo, algumas de bastante importancia. As verbas de despeza que no orçamento figuram como encargo para a metrópole tem de extinguir-se, pois que, como digo, as nossas provincias ultramarinas deixaram de ser um encargo para serem propriedade productiva. E sel-o-hão mais e muito, quando a administração for o que póde e deve ser—administração conscienciosa e intelligente. Pelas contas apresentadas sabe-se que os saldos são: em Angola 430 contos; em Moçambique ha seis mezes que se não sacca um real da metrópole; em S. Thomé o saldo é de 200 contos; em Cabo Verde tambem ha saldo; na India o rendimento tem sido de 4 laques de rupias, quando nunca passava de 2, nem antes, nem durante o tratado. Tudo isto significa que a nossa situação financeira melhorará tambem por effeito do estado das nossas cousas além-mar. O que nos falta não são meios, são homens de governo, que infelizmente não temos tido.

— A sr.a viscondessa do Arneiro já começou a receber parte da herança de seu irmão—a victima do assassino carpinteiro Lobo, ha dias julgado e condemnado. S. ex.a recebeu já o precatorio para levantar da caixa geral dos depositos 41:985$000 que alli estavam.

— Foi concedido o titulo de conde de Sieuve de Menezes ao sr. Raymundo Sieuve de Menezes, filho do ha pouco fallecido titular.

— O sr. Alfredo Pereira já reassumin a direcção da repartição em que com tanto zelo superintende.

— Pela respectiva junta de saude, foi julgado incapaz de serviço, o antigo consul portuguez, no Rio de Janeiro, sr. Daniel da Silva Ribeiro.

— Pelo ministerio da fazenda foram expedidas ordens para todos os districtos pagarem o subsidio, auctorisado pela lei de 26 de fevereiro de 1892, aos parochos cujos rendimentos ficarem inferiores a 400$000 réis, em virtude da deducção do novo imposto de rendimento nos juros dos titulos averbados aos seus passaes. As ordens que se passaram caducam em 31 de dezembro proximo. Os interessados que até áquelle dia não se apresentarem a receber, terão de requerer novamente o pagamento das importancias que lhe ficaram em divida, para serem depois satisfeitas pelas verbas de exercicios findos.

— A junta de saude, acaba de dar por promptos para todo o serviço o 1.º official da alfandega de Lisboa, sr. Nuno Rangel, e o 2.º da mesma alfandega, sr. Anselmo Esteves Costa; por incapazes o 2.º official dos correios de Coimbra, sr. Augusto José Golçalves Fino e o chefe de secção dos correios de Lisboa, sr. José Augusto Pereira Nunes.

— O vapor que aqui arribou com carregamento de dynamite, sahiu hontem barra fora, com destino aos portos de Hespanha. Lisboa, folga com a ausencia de hospede tão incommodo.

Y.

NOTICIARIO

Dr. Castro Mattoso.—Como dissémos, passou na quinta-feira ultima o anniversario natalicio do illustre deputado e nosso querido amigo, sr. desembargador Castro Mattoso. Por esse motivo foram ao seu solar da Oliveirinha cumprimentar o distincto parlamentar muitos amigos de sua ex.a, assistindo ao jantar, jantar intimo de familia, além de sua ex.a e sua virtuosissima esposa, os nossos amigos, srs. dr. Manuel Homem de Mello, A. Luiz de Souza, João Augusto Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena.

Novo titular.—Acaba de ser agraciado com o titulo de barão do Cadoro, em duas vidas, o nosso estimavel conterraneo e distincto escriptor, sr. Carlos Faria de Mello.

Os titulos de nobreza, quando conferidos a quem os tem já de caracter e de sentimentos como o cavalheiro a que nos referimos, assentam sempre bem, e se honram os agraciados, não honram menos quem os confere. Felicitamos com satisfação o sr. Carlos Faria e a todos os seus.

Notas da carteira.—Esteve ante-hontem em Aveiro, o nosso bom amigo e digno prior da freguezia de Esgueira, sr. João Francisco das Neves.

— Está em Aveiro, desde terça-feira ultima, o sr. Carlos du Bucage, deputado por este circulo. S. ex.a é hospede do sr. presidente da camara, dr. Jayme de Magalhães Lima.

O sr. barão do Cadoro, offereceu ao illustre deputado um jantar na quarta-feira, reunindo á noite algumas familias das suas relações na sua magnifica casa do Cabouco.

— Entrou já em convalescença, o que estimamos, a virtuosa mãe do nosso bom amigo, sr. Antonio Maria dos Santos Freire.

— Já regressaram da praia de S. Jacinto, o nosso presado amigo, sr. José Antonio Pereira da Cruz e sua ex.ma esposa.

— Tem passado incommodado na sua casa de Estarreja, o muito digno juiz de direito, sr. Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo. Velhos amigos de tão respeitavel magistrado, fazemos incessantes votos pelo seu prompto e completo restabelecimento.

Tambem não tem passado bem o digno parocho de Salreu, sr. José Nunes Antão. Fazendo votos pelo seu restabelecimento, cumprimos dever de dedicada amizade.

Duplo anniversario.—O nosso venerando collega do *Conimbricense*, sr. Joaquim Martins de Carvalho, acaba de completar 71 annos d'edade. Em luctas politicas, quando ellas custavam sangue, prisões e homisios, passou o nosso amigo e antigo correligionario o melhor tempo da sua vida. Depois, n'um estudo de ferro, que lhe tem dado nome distincto. Sempre independente, sempre liberal e sempre honrado, a sua vida tem sido a d'um valente propugnador dos bons principios—um propugnador, que é na imprensa um exemplar venerando.

Completou o velho jornalista 71 annos, e o jornal que tem sido como que a sua mais exacta personalidade, 47 de existencia, muitas vezes arriscada, mas sempre preponderante e feliz.

Cumprimentando affectuosamente o homem, saudamos o jornal, que é a sua véra effigie,

Collegio de Santa Joanna. — Esteve em festa na quarta-feira esta magnifica casa de educação, que é o assombro de quantos a visitam. Commemorou-se apropriadamente, brilhantemente, a festa da immortal patrona da musica—Santa Cecilia. No collegio existe ha annos já, uma associação sob esta invocação de que fazem parte quasi todas as educandas que se dedicam á musica, bem como algumas das suas professoras. Tem uma bibliotheca privativa, que conta já algumas dezenas de volumes, e duas ou trez vezes por anno organisa uns adoraveis saraus musicaes, além da festa da sua santa padroeira, que coincide sempre com a eleição dos corpos gerentes da associação, que por vezes, como succedeu este anno, é disputadissima.

A festa religiosa, propriamente dita, constou d'uma missa resada a que assistiram todas as educandas, cantando por essa occasião algumas d'ellas uns coros lindissimos, expressamente escriptos para aquelle dia. Depois seguiu-se a eleição.

A parte profana, se de profano póde haver alguma cousa debaixo d'aquelles tectos sob que se abriga só a virtude e se alimenta o bem-estar da familia e da sociedade, realisou-se á noite com uma *soirée musical*, um verdadeiro encanto. Além do pessoal docente e dicente do collegio, a poucas mais pessoas foi dado assistir. As dimensões da sala, apesar de não serem pequenas, não o comportavam. Ao fundo da sala entre flores e luzes, um bom quadro com a imagem de Santa Cecilia. Pelas paredes quadros gothicos de valor, photographias da familia real, do sr. Bispo Conde, da sr.a D. Thereza Saldanha (Rio Maior), desenhos originaes das educandas e pinturas sobre seda e faiança de identica procedencia.

Eram 7 horas quando começou a festa pela esplendida *Ouverture de la Muette de Portici* de Euber soberbamente executada em dois pianos pelas mademoiselles Urbani, Mendes Leite, Laura Falcão e L. Campos.

Com muito mimo e grande correcção foram executadas depois o *Die Nachtigall*, por mademoiselle Amalia Barbosa; *Marche turque*, por mademoiselles Saraiva e P. Carvalho; *Tremolo de Gottshalk*, por mademoiselle L. Falcão; *Ouverture de Romeo et Juliette*, por mademoiselles Lebre e Albuquerque; *Barcarolle*, por mademoiselles Nobrega e Osorio; *Marche hongroise*, por mademoiselles Urbani e Nobrega; *Danse espagnole*, por mademoiselles Barbosa e Gonçalves.

Não se limitou ainda assim a isto a parte musical da festa, houve mais e melhor, merecendo menção especial o *Lohengrin* que teve uma interpretação inexcedivel, admiravel, por parte de mademoiselle Julia Nobrega, uma das alumnas mais laureadas do collegio, e a *Sonate Pathétique* do divino Becthoven, que mademoiselle Beatriz da Costa e Almeida tocou distinctissimamente, deslumbrando com o seu bello talento musical todo aquelle auditorio onde no genero havia estrellas de primeira grandeza. Ao terminar teve uma ovação; merecidissima foi ella.

A parte dramatica do sarau consistiu n'um *lever de rideau* engraçadissimo e escripto expressamente por uma das mais distinctas professoras do collegio, cujo nome não revelamos receiosos de offender a sua modestia de escriptora.

Tratava-se de saber se a litteratura era compativel com a economia domestica. Para isto constituiu uma sessão em forma com presidente e secretario, em que diversas oradoras tomaram a palavra. N'este areopago feminino não havia *femmes savantes*, sabichonas—como disse Castilho, mas sim collegiaes que tributando verdadeiro amor á litteratura e á sciencia, não tinham menor affeição aos encargos e prazeres da vida domestica. Uma dos oradoras, mademoiselle A. Barbosa, n'um improviso cheio de bons conceitos e scintilante de *verve*, demonstrou bem no meio dos applausos das suas companheiras, que a mulher podia saber a musica e concertar a roupa, que o livro não repellia a panella, que ella não devia ser uma estatua de ornato nem tão pouco um chouriço da chaminé; que a mulher devia saber fritar uns ovos para os filhos e pregar um botão na casaca do marido, mas que tambem não devia ignorar as principaes noções da geographia, nem desconhecer as tradições da historia.

Depois de animada discussão assentou-se afinal, unanimemente, que a litteratura não era incompativel com a economia domestica. Applausos geraes confirmaram acertada resolução.

Mademoiselle M. Vidal disse depois com bastante naturalidade o monologo *O Passeio*, e mademoiselle C. Albuquerque recitou com perfeita comprehensão e gentileza uma poesia em francez.

Gentilissimamente, como sempre, cantaram mademoiselle Urbani, o romance *Le masque de fer* e mademoiselle Amorim *Occhi torchini*. Não lhe regatearam applausos, e fazel-o seria injustiça sem egual, pois estas duas distinctissimas professoras além d'uma voz fresca e bem timbrada possuem todos os segredos do canto que cultivam com verdadeiro sentimento e arte.

Do Porto a Lisboa.—O nosso sympathico amigo, sr. Mario Duarte, um distincto *sportman* da nossa terra, emprehendeu a viagem em byciclete do Porto a Lisboa, em 24 horas, e deve realisar hoje o seu arrojado emprehendimento. E' acompanhado pelos srs. A. Moura e Bobella da Motta, dois velocipedistas de nome, partindo da ponte de D. Luiz, todos trez, pelas 9 horas da manhã.

Em mais pontos do trajecto estarão alguns outros rapazes, que os aguardarão e acompanharão até ás localidades proximas.

Do Porto, vão até Oliveira d'Azemeis, o sr. Mychim e outros; de Oliveira até Agueda, os srs. João Machado, Manuel Moreira, Carlos Osorio, etc., e de Anadia até Coimbra alguns outros amadores d'este genero do *sport*. Desejamos a todos boa viagem.

Bombeiros voluntarios. — Consta-nos que a solicita direcção da companhia dos bombeiros voluntarios d'esta cidade tenciona procurar ámanhã o sr. presidente da camara para pedir-lhe a acquisição, que é na verdade necessaria e util, da escada Magirus, de regulares dimensões.

Estamos certos de que sua ex.a da melhor vontade se prestará a acceder aos desejos da companhia, que revertem unicamente em beneficio da vida e propriedade alheia, pois que aquella escada, que faz hoje parte do material de todas as companhias bem organisadas, é realmente uma peça indispensavel, de reconhecida utilidade e destinada a prestar relevantissimos serviços não só na extincção de incendios mas ainda na salvação de vidas.

Demonstração honrosa.—A faculdade de medicina, reunida em sessão de 11 do corrente, deliberou mandar cumprimentar, pelo seu secretario, o lente da mesma faculdade, sr. conselheiro Manuel da Costa Allemão, e lançar na acta um voto unanime de profunda condolencia, pelo infausto passamento de sua ex.ma e idolatrada filha, sr.a D. Celestina d'Almeida Pinto da Costa Allemão.

Julgamento. — Prosegue no Porto o julgamento do dr. Urbino de Freitas. Por emquanto o que se vê é que a lide promette ser duradoura, havendo quem affirme que antes de oito dias não se verificará o julgamento. A atmosphera moral apresenta-se carregadissima para o reu. Ao Porto chegou já o sr. Brito e Cunha, o portador e despachante das amendoas envenenadas, que tinham por fim a extincção d'uma familia inteira na maior parte crianças. Antes da partida de Lisboa, o sr. Brito e Cunha recebeu uma carta ameaçando-o se viesse ao Porto. O honrado homem, porém, não se intimidou e veio. O seu depoimento é o golpe de morte para o reu. A anciedade pela conclusão do julgamento é extrema e justificada.

Roubo.—Continua a roubalheira! No domingo passado, em Esgueira, os ladrões penetraram na casa d'um empregado da fabrica de cortumes d'alli, e roubaram-lhe 36$000 réis e um relogio de prata.

Trabalho de pesca.—Nos dias anteriores não houve trabalho no mar, porque a tempestade que ante-hontem se levantou, impediu que o houvesse, e hontem, porque a vaga era ainda muita, não o houve tambem. Hoje, apesar do frio que se sente, algumas companhas trabalham nas costas, onde ainda ha serviço.

A pesca da ria, tem sido agora em menor quantidade. E' sempre assim quando o tempo é claro e o frio aperta.

Fallecimento.—Falleceu hontem repentinamente em Vallongo o parocho d'aquella freguezia, sr. Jacintho dos Santos Loureiro. A morte do revd.º abbade é alli muito sentida.

Separação eterna. — Sobre esta epygraphe a *Aurora do Lima*, de 22 escreve:

No ultimo sabbado julgou-se no tribunal judiciario uma acção de separação de pessoa e bens, requerida por Joanna Martins de Sá, da freguezia de Carreiros, contra seu marido João Pereira de Sá. Os fundamentos para essa separação eram os de sevicias e maus tractos, que as testemunhas, todavia, não comprovaram tal qual eram allegados pela queixosa. O conselho de familia, composto de seis membros, emittiu a votação, pelo que não se julgou a separação, tendo o processo de seguir os termos ordinarios. O pobre do marido, desgostoso e triste, contestava as affirmações injuriosas da esposa, e dizia que não queria separar-se nem quebrar os laços que durante muitos annos o prendiam sacramentalmente. A queixosa mulher retirou do tribunal cada vez mais cheia de malquerença, repellindo tenazmente todas as propostas de conciliação que varios amigos communs estavam fazendo e protestava continuar a acção até que o divorcio fosse pronunciado. Pois veio a morte fazer-lhe a vontade, sem outro qualquer processo que não fosse aquelle que se rege pelos designios insondaveis da providencia... O marido chegou a casa e cahiu morto, sendo sepultado ante-hontem no cemiterio d'aquella freguezia. Da pretendida separação judicial sahiu, afinal de contas, a separação eterna!

Tuberculose. — A Faro, teem chegado, n'estes ultimos tempos, bastantes pessoas atacadas de tuberculose. Está provado, que o clima alli é, n'esta epoca, muito favoravel, a quem soffre de molestias do peito.

E' bom saber-se.—Só no mez de agosto proximo morreram no Rio de Janeiro, só alli, 205 subditos portuguezes, alguns dos quaes ao desamparo.

Correio da moda. — Da *Moda Illustrada*, excellente jornal das familias, extractamos o seguinte:

«A belleza dos tecidos para a estação de inverno é extraordinaria. Temos em primeiro lugar os pannos já nossos conhecidos, mas em côres inteiramente novas em que dominam os tons castanhos, como os *vigognes*, as sarjas, os ticidos russos a que nos referimos no nosso correio passado e os furta-côres. Estes não são só nas lãs, mas principalmente nas sedas e nos velludos, onde apresentam um effeito magnifico. Todo o afan das modistas é produzir trajes em que se encontre novidade. Torna-se isso cada vez mais difficil, porque ellas téem copiado as modas de todas as epocas, os *costumes* da maior parte dos povos. Por isso vimos os trajos de 1830 terem grande acceitação, usarem-se as colleiras encannudadas de 1500, as grandes capas de sedas em relêvo forradas de arminhos e guarnecidas de custosas pelles que tambem n'aquelle tempo usavam as rainhas e os grandes senhores.

Consistem as regras este anno em que as saias sejam nesgadas sem roda nos quadris, as mangas excessivamente largas em cima, estreitas em baixo e guarnições que desçam das hombreiras a darem ahi grande largura ao busto. Este anno tudo se corta em feitio de *abat-jour*, senão vejamos; são as saias *rotondes*, as abas dos vestidos, as hombreiras dos corpos, as capas redondas, os cabeções, etc. Para as pessoas economicas, costumadas a cortarem com pouca fazenda, é que lhes não pódem agradar, porque estes folhos, devido ao seu feitio arredondado, levam mais tecido do que os que são direitos ou em *viéz*. As saias brancas que já se viam apparecer profusamente este estio, só se usam em casa, voltando as de seda de côr a trazerem-se na rua e usando-se muito as pretas. Estas saias vestem-se sobre umas outras de abafo feitas de flanella muito nesgadas para não causarem grossura nos quadris. São estofadas e ponteadas até acima do joelho, tendo em baixo bordados sobre a mesma saia ou folhos de setim ou da mesma flanella tambem bordados a seda. Nas outras de seda póde-se fazer o mesmo, servindo os rolos não só de abafo, mas tambem de afastar em baixo cahindo d'este modo melhor a saia do vestido que, tendo muita roda, precisa sempre ser sustida, quer seja por barra entre a fazenda e o forro, quer pela saia de baixo. —*Elvira Gorjão.*»

Acto bom de Geraldine.—A formosa Geraldine visitou ha dias os feridos militares que estão no hospital de Cadiz, e deixou a cada um quatro maços de cigarros de 40 reis, uma caixa de phosphoros, e um lindo bouquet de flôres. Além d'isto entregou ao director do hospital 24 garrafas de vinho fino para ser distribuido aos doentes, nas refeições. Quando Geraldine saiu, um soldado de Pavia, apontando para o bouquet, disse:

— Isto e o ter visto aquella *Cara de cielo*, compensa os soffrimentos da ferida que recebi.

O conflicto hespano-marroquino.—Pelo que informam os jornaes hespanhoes, toda a actividade em Melilla se emprega na construcção de obras de defeza. Duas companhias de sapadores continuam os trabalhos de defeza do morro de Santiago, devendo ficar promptos dentro de quatro dias. Todas as obras em construcção correspondem ao plano geral de ligar os fortes com defezas intermedias. Tambem se estão levantando reductos e trincheiras, sendo os trabalhadores protegidos por secções de atiradores armados com espingardas Mauser. Algumas folhas de Madrid entendem que o governo hespanhol não deve entrar em negociações com o sultão sem que primeiro o exercito expedicionario tome posse do monte Gurugú e dos aduares de Frajana e Benisicar.

«E' preciso conquistar e manter determinadas posições, diz um jornal, para que os estrangeiros vejam que os hespanhoes de hoje são os mesmos de 1860, cujas victorias se julgavam inverosimeis.»

Chegou a Melilla o cruzador *Reina Mercedes* com as 10:000 espingardas Mauser que trouxe da Allemanha. Estão actualmente em Melilla 15:000 homens. Diz-se que só dentro de 8 ou 10 dias é que se encetarão as operações em maior escala, pois só então é que estarão concluidas as trincheiras do campo. Téem continuado as sortidas. Ultimamente houve uma commandada pelo capitão Ariza. Foi uma sortida habil e intrepida. Os atiradores hespanhoes fizeram um ataque simulado até ás trincheiras dos riffenos; em seguida retrocederam lentamente. Os mouros, que ignoravam a tactica dos hespanhoes, sahiram das trincheiras e perseguiram os adversarios, que retiraram na direcção do forte de Cabrerizas Altas. Os mouros julgavam-se victoriosos, quando a artilheria do forte começou a fazer fogo de metralha sobre elles, promovendo-lhes muitas baixas e obrigando-os a debandar desordenadamente.

— Um despacho de Melilla para os jornaes hespanhoes diz que terminaram os trabalhos do entrincheiramento da linha geral que limita o campo hespanhol, e que em breve poderá servir de acampamento a 30:000 homens. Os mouros costumam tomar posições em uma trincheira entre Camellos e Agrariach e n'outra existente entre Cabrerizas Altas e Baixas.

Com respeito á descarga dada pelos mouros junto da praça de Melilla, diz um correspondente que ninguem imaginava que o inimigo se atrevesse a atacar a praça. Na praça dos Algibés andava passeando o general Macias com outros generaes, ajudantes, e officiaes de todas as armas. A musica tocava o duetto da *Africana*. Os reflectores electricos dos navios de guerra, logo que os mouros deram a descarga, illuminaram instanteamente o campo e a praia, mas nao foi visto nenhum riffeno. A descarga que fizeram os mouros foi formidavel. Alguns presidiarios formaram uma companhia chamada da Morte, que tem praticado prodigios de valor. O capitão Asiga, que os commanda, é um official intrepido e destemido. Todos os presidiarios soffrem penas que variam entre vinte annos e prisão por toda a vida. Alguns estiveram na guerra carlista. Quando apparece a companhia da Morte, os mouros já sabem que o ataque é quasi sempre á bayoneta calada e com tal valor, que não pódem resistir por numerosos que sejam.

— Insurge-se a imprensa hespanhola contra a paz que o sultão de Marrocos offerece á Hespanha. Um jornal diz:

«O sultão enviou um dos seus infinitos irmãos para dar-nos a paz, quando o que a Hespanha pretende é desaggravar-se da aggressão traiçoeira que lhe fizeram os mouros. Póde ser que haja partidarios de uma tal paz, mas se as tribus retrocederem e nos deixarem construir o forte Aguariach, porque assim o manda o sultão, a Hespanha, ficará em situação bem pouco airosa. Perpetuar-se-ha na imaginação dos mouros que não podêmos tomar vingança dos ataques dos dias 2, 27, 28 e 29 de outubro. Diminuirá perante a Europa a importancia do nosso paiz, que foi respeitado até aqui, porque jámais ninguem o aggravou impunemente. Morrerá o nosso prestigio em Marrocos. Agora esperemos os acontecimentos; ou os soldados hespanhoes impõem aos riffenos um castigo exemplar, ou o governo comprometterá o que mais importa guardar».

Como se vê, a paz offerecida pelo sultão, não é vista com satisfação pela opinião do visinho reino.

Quanto ás operações, os jornaes recebidos nada mais adiantam ao que annunciam os telegrammas. Segundo referem de Mellila, os riffenos, queixam-se amargamente de que os hespanhoes lhes disparam balas envenenadas, porque quasi todos os feridos teem morrido. Certamente é isto devido á falta quasi absoluta de soccorros medicos no campo mourisco.

O principe Alexandre de Battenberg.—Um despacho de Gratz diz ter fallecido alli o principe Alexandre de Battenberg que, como se sabe, foi principe da Bulgaria desde abril de 1879 a setembro de 1886, com o nome de Alexandre I. Tendo que abandonar o throno da Bulgaria, depois das suas victorias sobre os servios, por causa do desagrado em que cahira no animo do czar, o principe abdicou e dous annos depois tomava o titulo de conde de Hartman, que lhe foi concedido pelo gran-duque de Hesse. O fallecido principe nascera em 1857 em Verona. Era casado com uma actriz depois de ter pretendido a mão da princeza Victoria, irmã do imperador da Allemanha. No exercito austriaco tinha o posto de coronel.

As touradas e o clero. — O sr. bispo da Cindad-Rodrigo dirigiu a Roma a seguinte consulta:

«Em vista do costume, que ha na Hespanha, de correr touros em circos ou praças, e de n'alguns logares ser enviado ao circo um sacerdote levando comsigo a Extrema-Unção, para quem d'ella necessitar, pergunta-se:

«1.°— Pode o prelado consentir que o sacerdote assista ao espectaculo levando comsigo a Extrema-Unção?

«2.°—Dado o caso de parecer indecoroso ter cousa tão santa em logar tão profano, pode guardar-se o santo oleo *ad cautelam*, em outro logar proximo?

«3.°—Pode tolerar-se que o sacerdote, tambem por costume, esteja presente no circo?»

A Sagrada Penitenciaria, pesando maduramente esses quesitos respondeu:

Ao 1.°—Negativamente.

Ao 2.°—Pode tolerar-se que o Santo oleo se guarde em logar sagrado proximo, ou pelo menos honesto e decente, comtanto que não pareça que o espectaculo é approvado pela presença do santo oleo, nem que para alli foi levado de prorosito.

Ao 3.°—Negativamente.

O attentado de Barcelona.—Communicam de Barcelona: A policia continúa fazendo numerosas prisões. Guarda-se muita reserva sobre o resultado do processo. O theatro Liceo continúa fechado. Os artistas da companhia lyrica representaram ao governador civil para que permitta a sua reabertura. E' tal o sobresalto que ainda existe em Barcelona, que qualquer cousa basta para alarmar o publico. No theatro Eldorado um espectador deixou cahir de um camarote o chapéu. Os espectadores da plateia assustaram-se de tal modo, que já queriam precipitar-se para as sahidas. Felizmente algumas pessoas mais corajosas poderam conter os espavoridos, que voltaram a occupar os seus lugares logo que souberam do que se tratava.

Sobre o attentado do theatro do Liceo e que tão grandes desgraças causou, correm varias versões. Diz-se que certa familia de Barcelona tinha em casa uma criada que estava em estreitas relações com um anarchista. Ha dias, no momento em que a dona da casa ia sair para a missa á egreja de Nossa Senhora da Mercé, pediu-lhe ella que não fosse, pois ouvira dizer que os anarchistas projectavam fazer ir pelos ares a egreja. A senhora não fez caso do aviso e foi. Pouco depois a criada saiu. O dono da casa, notando a sua perturbação, seguiu-a, encontrando-a á porta do templo, discutindo com um homem do povo, que por fim se affastou. Participado o caso á policia, a criada foi presa. Esta confessou que o seu amante era o auctor do attentado do theatro do Liceo e que se preparava para lançar outra bomba na egreja.

N'um jardim do campo de Valdomillas, perto da rua das Côrtes, em Barcelona, foram encontradas, no dia 19, 7 bombas, 6 das quaes estavam carregadas.

Uma audiencia do Papa.—O eminente bispo d'Antun, um dos mais sabios prelados de França e membro da academia franceza, foi ultimamente recebido por Leão XIII, com quem fallou largamente ácerca dos negocios religiosos d'aquelle paiz.

No seu regresso á diocese, Mgr. Perrand respondendo ás felicitações de Mr. Fontaine, deão do clero d'Antun, pronunciou um discurso que a *Semaine Religieuse* resume do seguinte modo:

«O Papa gosta muito de fallar da nossa patria sempre que dá audiencia a bispos francezes. Uma das maiores tristezas de Leão XII é ver em França espiritos ainda rebeldes á sua palavra e que prevertem as intenções rectissimas do seu coração. Mgr. Perrand teve a satisfação de mais uma vez affirmar ao Santo Padre que o clero da diocese d'Antun, do mesmo modo que o seu bispo, é fiel aos ensinos da Santa Sé. São dignos de censura os homens que não querem seguir o caminho traçado pelo Papa. Falsamente accusam o Soberano Pontifice de se deixar guiar por intuitos politicos. Leão XIII procede sempre sob a inspiração do espirito sobrenatural e sob o desejo desinteressado de restaurar na França a sua antiga fé christã. O Papa persevera mais que nunca nas suas ideias. Só na regra que elle traçou é que vê a salvação da nossa patria. Aconselha mais que nunca aos fieis e sobre tudo aos sacerdotes que cuidem do operario, do pobre, dos pequenos. Quer que desçamos ao meio do povo, para vencer as barreiras que absurdos prejuizos levantaram entre o povo e o clero. O sacerdote deve procurar por todos os meios, segundo o seu ministerio, communicar com o operario. A palavra, as visitas, a esmola, a penna, tudo nos deve servir para chegarmos ao nosso fim, que é prégar o Evangelho e fazer amar Jesus Christo.»

A dynamite em Marselha. — Causou profunda impressão em Pariz a noticia da explosão occorrida em Marselha. Todos reconhecem que os anarchistas estão resolvidos a proseguir na feroz lucta contra a sociedade. Quasi toda a imprensa de Pariz pede que sejam expulsos de França todos os anarchistas, ou considerados como taes. Um jornal, a *Liberté*, pretende mesmo que sejam expulsos dentro de 24 horas, dizendo que não deve haver contemplações com a seita anarchista. O *Journal des Débats* diz:

«E' forçoso comprehender que contra taes inimigos a sociedade é obrigada a defender-se, e que não deve perder um minuto para contar esta nova invasão de barbaros e salvar a civilisação que elles juraram anniquillar.»

Assumpto historico. —Varios sabios allemães teem sustentado grande polemica sobre a antiguidade das cidades do mundo, sendo a opinião mais geral que das cidades actualmente existentes Damasco é mais antiga; Tyro e Sidon desappareceram, Palmyra jaz sepultada no deserto, Ninive e Babylonia existem apenas nas paginas da historia. Damasco continua ainda hoje a ser o que era no tempo de Abrahão, centro de commercio de grande parte da Asia. Os indios attribuem a Benarés antiguidade remotissima. Outras cidades antiquissimas que ainda existem, são Cadiz e Sagunto, na Hespanha; Argos, Athenas e Thebas, na Grecia; e Marselha, na França.

A morte de Alexandre de Battenberg.—Um despacho de Gratz diz que a esposa do principe Alexandre de Battenberg, que poucos dias antes dera á luz um filho, cahiu desmaiada sobre o corpo do marido, receiando-se que enlouqueça. A morte de Alexandre de Battenberg foi quasi repentina.

As forças militares de Angola.—Pela reorganisação recentemente decretada, as forças da guarnição d'esta provincia compõem-se de 314 officiaes, sendo 38 do exercito de Portugal, 10:281 praças de pret e 65 cavallos. A bateria de artilheria tem 3 officiaes e 107 praças de pret; os quatro batalhões de caçadores 116 officiaes e 2:268 praças de pret; a companhia de saude 61; as forças da 2.ª linha 150 officiaes e 7:560 praças de pret. Não se comprehende n'estes quadros a força destinada ao planalto de Mossamedes que tem uma organisação e um quadro especial.

Os quatro batalhões de caçadores serão numerados de 1 a 4, e terão os seus quarteis respectivamente nos districtos do Congo, Loanda, Benguella e Mossamedes. A bateria de artilheria terá o seu quartel em Loanda, e a companhia de policia é destinada ao serviço policial das cidades de Loanda e Benguella, e tem o seu quartel na primeira d'estas cidades.

O serviço de policia em Benguella tornar-se-ha effectivamente quando a camara municipal respectiva inscrever no seu orçamento uma verba destinada á policia não inferior á despeza a fazer com 10 soldados, elevando-se n'esse caso o effectivo da policia a 100 praças.

Os batalhões de caçadores têem bandas de musica.

Aos conselhos administrativos ou aos conselhos eventuaes das forças militares compete a administração das culturas ou das pescarias, e nos terrenos destinados ás granjas militares comprehender-se-ha, sempre que seja possivel, uma porção de floresta, onde se possa forragear lenhas, havendo sempre todo o cuidado na conservação das mattas; deixando, n'esse caso, de ser feito abono para lenha.

A despeza annual com todas as forças é de 312:645$875 reis, menos 347$478 reis do que a calculada no orçamento de 1891-1892.

A cura da variola. — N'um jornal de Porto-Alegre (Brazil), o *Correio Mercantil*, encontramos a seguinte receita para a cura da variola:

«Chá de *herva de burgue* até suar bastante. No que apresentar as *pintinhas*, chá de aipo (*apium graveolus dulce*), isto é, cosimento do aipo manso, e beber á vontade, e usar banhos d'esse cosimento até completo restabelecimento. Se a variola vem acompanhada de febre intensa e feridas pela garganta, addicione ao chá de aipo uma onça de pó de *jarmin de cachorro* e beba-se de hora em hora uma chicara; o resultado benefico não se fará esperar.»

Um caso novo.—Na penitenciaria de Ferrara, Italia, está preso e condemnado á reclusão perpetua, um bandido chamado José Shœnmann accusado de ter feito tres crimes de assassinio com o fim de roubar as suas victimas, crimes que elle proprio confessou. A justiça condemnou o reu a prisão por toda a vida, visto estar abolida a pena de morte. Pois este criminoso acaba de herdar ha poucos dias, uma somma de dois milhões de liras, d'um parenta fallecido na Russia. Como não foi abolida a morte civil, o condemnado não tem capacidade para herdar nem mesmo para testar. E ahi está um homem millionario que não pode receber a sua fortuna, a não ser que algum jurisconsulto habil, tentado pela grossa maquia, metta mãos á obra e d'ella saia victorioso.

O frio.—Pictet, um sabio de Genebra (Suissa), construiu uns apparelhos a que deu o nome de *poços de frio*, dentro dos quaes a temperatura pode descer até 120 graus abaixo de zero. Um desgraçado cão foi introduzido em um d'estes apparelhos, na temperatura de 90 graus abaixo de zero, e o seu organismo luctou durante hora e meia contra um frio tão horrivel antes de se produzir a asphixia total. O pobre animal não poude depois ser chamado á vida. O mesmo sabio teve a coragem de experimentar em si proprio este frio de 90 graus, introduzindo um braço no poço durante seis minutos. Soffreu uma dôr atroz, analoga á que produz uma queimadura, e que se fazia principalmente sentir na profundeza dos ossos. Foi necessaria uma reacção prolongada e cuidadosamente graduada para se evitar a gangrena no braço. Os peixes podem ser gelados até se tornarem friaveis como argila e conservam sempre a probabilidade de recuperarem a vida. As rans succumbem definitivamente a 35 graus, mas os caracoes, protegidos pela casca, sobrevivem a um frio de 120 graus. Quanto aos microbios, este frio de 120 graus deixa-os indifferentes. Pictet submetteu-os ao frio mais intenso que a sciencia pode produzir, 213 graus abaixo de zero, que é a temperatura do ar atmospherico solidificado como crystal. Os microbios deram-se bem n'este meio extravagante, e quando se procedeu ao degelo estavam perfeitamente vivos. A sciencia julga que a temperatura compativel com toda a vida organica é a de 273 graus abaixo de zero, mas não poude ainda realisal-a.

Temporaes e sinistros. — Sexta-feira e sabbado ultimos reinou uma violenta tempestade nas costas da Inglaterra, causando varios sinistros no mar. Um despacho de Londres regista os seguintes:

«Considera-se perdida a tripulação da goleta ingleza *Favorite*. Em Swansea deu á costa um navio francez. Um outro da mesma nacionalidade, o brigue *Hortense*, chegou ao mesmo porto, trazendo quatro sobreviventes do navio francez *Guano*, que sossobrou, ao querer soccorrer a tripulação da galeota *Favorite*.» Na foz do Tyne naufragou a barca *Lowestoft*. Tambem sossobrou no alto mar o barco de pesca *Herry-Sinclair*. Salvaram-se, porém, os tripulantes de ambas as embarcações.

— O temporal que reinou nas costas de Inglaterra e no mar da Mancha tambem se fez sentir nas costas de França, occasionando alguns sinistros.

Déram á costa perto de Cherbourg a goleta inglez *Tres Joannas*, de Swansea, o brigue francez *Marie*, e o hiate *Marie Reine du Ciel*. As tripulações de estes navios poderam salvar-se, ainda que a muito custo.

Em Cherhourg a violencia do temporal era de tal ordem, que muitas arvores foram arrancadas.

Em Barfleur deu á costa a barca ingleza *Alpha*, salvando-se a tripulação. Em Saint-Aubin tambem deu á costa um vapor que se suppõe ser inglez. Perto do cabo Levi naufragou um grande vapor. O telegrapho annuncia ainda outros sinistros maritimos.

No Havre tambem se fez sentir a tempestade com extrema violencia, causando alguns sinistros dentro do porto.

De Londres dizem que o paquete *Lucania* chegára de New-York a Queenstown após uma viaguem em que, por causa da tempestade, teve a bordo 12 passageiros feridos. Um passageiro que diz ter feito 94 vezes aquella viagem, conta que nunca vira uma tempestade tão violenta.

Sinistro maritimo. — Um despacho da Corunha diz que nor baixos de Meigide se perdeu o vapos francez *Saint-Paul*, procedente de Lisboa. Salvaram-se os tripulantes e um passageiro que ia a bordo. O vapor perdeu-se totalmente.

Os assassinos de Emin-pachá. — Communicam do Estado do Congo que na tomada de Kirundú pelo major belga Ponthier, este tomou grande numero de presioneiros, entre outros Said, um dos assassinos de Emin-Pachá. Julgado em conselho de guerra, foi condemnado á morte e fuzilado. O major Pouthier encontrou no campo dos arabes muitas cartas que confirmam os pormenores que démos em tempo sobre a morte de Emin.

Nas ilhas de Hawai. — O despacho recebido em Washington do ministro dos Estados-Unidos *em Honolulu, diz que a rainha Liliukalani* já se acha outra vez occupando o seu throno das ilhas do Hawai, de que tinha sido deposta por uma revolução que em tempo noticiamos.

A linguagem dos macacos. — O célebre professor Garner, que partiu ha alguns mezes para a Africa occidental a fim de estudar a linguagem dos macacos, acaba de chegar a Liverpool em companhia de dous chimpanzés, com os quaes travou varias confidencias durante a viagem. O professor Garner, que passou 101 dias em uma jaula de aço que mandára construir expressamente para viver entre os macacos, lisongeia-se de ter travado relações com aquelles animaes e pretende que já não téem segredos para elle tanto a linguagem como os gestos dos macacos.

A locomoção a pé.—Depois de muitos annos de estudo sobre a marcha humana, M. de Raoul, capitão do 35.° de artilheria franceza, começa a dar publicidade a trabalhos praticos e exercicios a pé. Assim elle já conseguiu que 12 soldados fizessem uma marcha de 9 kilometros, sem parar, em 55 minutos. M. de Raoul observa que ha mais de uma maneira de correr e de marchar. A dos campone zes, e sobretudo dos montanhezes, deu-lhe particularmente na vista. Notou elle que estes ultimos projectam o alto do corpo para a frente; o seu passo, pe sado é mais longo, mais seguro; e é facil de reconhecer que, sem exforço algum apparente, elles ganham terreno sobre qualquer caminheiro vulgar; elles correm mesmo sem se fatigarem, o corpo muito pendido para a frente, as articulações meio-flexiveis; dir-se-hia que estão continuamente em equilibrio instavel e que vão a todo o momento cahir para diante. Esta maneira de andar ou de correr, como a experiencia lhe tem demonstrado, offerece grandes vantagens, e com ella M. de Raoul julga que facilmente se poderá fazer de qualquer de nós um excellente corredor.

Barris de aço.—O genio inventivo do homem, vae sempre alargando a sua esphera. Acabam de fabricar-se barris de aço para com mais segurança ser conduzido o petroleo. São feitos de duas partes eguaes, em fôrmas, emquanto o aço está quente e essas metade são depois unidas por meio de electricidade.

O sino da paz.—Um jornal russo acaba de tomar a iniciativa de uma subscripção, afim de offerecer á França um sino gigantesco. Este sino, sobre o qual serão gravadas as palavras: Toulon-Cronstadt, terá o nome de *sino da paz*. Custa este sino dois milhões de rublos; e, por uma delicada attenção, será expedido directamente de Cronstadt em um navio especial, evitando assim passar por terras allemãs.

UM MEDICO ENVENENADOR

A proposito do que se está passando no Porto o *Commercio de Portugal* escreve:

O caso Urbino, que está despertando tanto a attenção publica, justifica a recordação de um outro medico envenenador, que ha 29 annos tambem deu que fallar em toda a França. A sua historia resume-se no que se segue:

*

Courty de La Pommerais, que nasceu em Loiret em 1830, e morreu no cadafalso, em Paris, a 9 de junho de 1864, pertencia a uma nobre familia, e seu pae, que era medico, fez com que elle seguisse a mesma carreira. Edmundo de La Pommerais formou-se em Paris em 1854 e ahi fixou a sua residencia. Cheio de vaidade e desejando ardentemente alcançar fortuna e honras, não teve pejo de se servir dos meios mais vis para as conseguir.

La Pommerais começou por se fazer passar por conde e enviou ao papa uma supplica para obter a cruz de S. Silvestre. Pensando que arranjaria mais facilmente clientella seguindo a medicina homœopathica, fez-se homœopatha, estabelecendo um consultorio na rua de Vermeuil, comprando a clinica do doutor Gastier. Foi tambem um dos administradores de certa sociedade fundada por um aventureiro para a exploração de um estabelecimento de banhos e jogo em Monaco. Apezar de todos os seus esforços e de jogar fortemente na bolsa, La Pommerais não via meio de realisar os seus sonhos. O acaso fez com que elle um dia encontrasse n'um omnibus madame Dubizy, viuva de um medico, que ia com Clotilde, sua filha. O medico entabolando conversação com estas senhoras, descobriu que Clotilde tinha um dote de 140:000 a 150:000 francos e resolveu desposal a. Vencidos os primeiros obstaculos que madame Dubizy tinha levantado a esta união, realisou-se o casamento em agosto de 1861. Desconfiando de seu futuro genro, por informações *que tinha obtido de um dos* amigos d'elle, madame Dubizy exigiu que o regimen adoptado para os esposos fosse o da separação de bens, o que era absolutamente contrario ao plano do noivo, por isso que d'este modo não poderia dispôr da fortuna da mulher. Dois mezes depois do casamento, La Prommerais comprou na pharmacia Ménier, 0g,50 de digitalina. N'um jantar a que elle assistia, a sogra, que até então tinha gosado sempre a melhor saude, sentiu-se muito incommodada com vomitos. Foram chamados dois medicos mas as suas prescripções não eram seguidas, por isso que La Pommerais é que dirigia o tratamento. Na noite de 9 para 10 de outubro do anno de 1861, fez com que a sogra tomasse 0g,10 de digitalina, 0g,25 de hydrochlorato de morphina, e a doente morreu no dia seguinte d'um ataque de cholera, na opinião do genro. Apenas isto succedeu, La Pommerais apoderou-se de todos os bens moveis de sua sogra, no valor de 50:000 francos, oppoz-se a que se fizesse inventario e dispoz á vontade dos titulos que tinha na sua mão. De posse d'esta riqueza, tentou augmental-a entregando-se ao jogo de fundos, de que não tirou proveito. A sede do luxo, do bem estar, de ser riquissimo, longe de lhe diminuir, crescia. Foi então que concebeu e pôz em execução um projecto que lhe pareceu infallivel para satisfazer os seus desejos ardentes e criminosos, e que devia dar ao seu nome a celebridade da infamia.

Chamado como medico, em 1858, para tratar do pintor Pauw, viu que elle succumbiria e que não lhe seria difficil tornar-se o amante da viuva, o que conseguiu. Estas relações continuaram até meiado de 1861; mas o seu casamento com Clotilde Dubizy tinha vindo interrompel-as. Passaram-se dois annos depois d'este rompimento e La Pommerais recusára-se, apesar dos pedidos da sua antiga amante, a ir vêr os filhos d'ella, que estavam doentes. Em junho de 1863, La Pommerais foi a casa de madame de Pauw. Para explicar a sua brusca visita, disse que lhe levava o meio de garantir o futuro de seus filhos. Sómente, disse elle, é necessario guardar o mais completo silencio e evitar cuidadosamente que qualquer pessoa saiba d'este segredo. N'este primeiro dia La Pommerais limitou-se a accrescentar que se tratava d'um seguro de vida.

As relações foram de novo reatadas e o medico propoz a madame de Pauw, a seguinte combinação: ella segurava a vida em 550:000 francos, exigidos na occasião de sua morte; La Pommerais encarregar-se-hia do pagamento das primeiras prestações e ella transferir-lhe-hia o beneficio dos contractos. Mas, como a operação, feita n'estes termos, não apresentava nenhuma vantagem para madame de Pauw, nem para seus filhos, La Pommerais accrescentou que havia um meio de tirar d'este negocio um producto quasi immediato. Pouco depois do seguro estar feito, madame de Pauw, simularia uma doença de maneira a fazer acreditar ás companhias de seguros que estava prestes a morrer. As companhias ver-se-hiam embaraçadas por supporem que a doente morreria em pouco tempo; elle propôr-lhes-hia então que os contractos fossem annullados em troca de uma renda vitalicia de 6:000 francos a contar do 1.° de janeiro. Elle dividiria este rendimento com a viuva e graças ao seu estratagema, ella viveria com bastantes meios. Madame de Pauw, que tinha uma grande paixão pelo amante, e não desconfiando qual o verdadeiro fim, confiou n'elle cegamente e deu-lhe poderes para arranjar tudo como desejasse.

La Pommerais, por intermedio de um corrector chamado Desmidt, e servindo se do seu falso titulo de conde, fez com que tudo se preparasse como queria. Depois de ter combinado as coisas de modo que o seu plano não falhasse, fez para maior segurança, com que madame de Pauw assignasse um certificado pelo qual ella lhe transferia os seguros no valor de 550:000 francos, isto para evitar que os herdeiros podessem reclamar. Emfim, para prevêr todas as eventualidades, conseguiu que madame de Pauw fizesse testamento, em que o instituia universal herdeiro.

Possuidor de todos os documentos e transferencias, La Pommerais, para não pagar cada anno as primeiras prestações, 8:840 francos, o que era superior ás suas posses, e para apanhar os 550:000 francos pelos quaes elle tão ardentemente suspirava, tinha apenas um meio: matar madame de Pauw.

Lembrou-lhe então que era preciso que ella se fingisse doente. Em setembro dizia ella ter dado uma queda na escada e que depois d'isso sentia muito fortes dores de estomago, e para que tudo fosse acreditado consultou varios medicos, não seguindo, claro está, o tratamento prescripto. Chegou o mez de novembro, e como madame de Pauw continuasse de perfeita saude, La Pommerais aconselhou-a a que se fingisse mais doente, que guardasse o leito, para que os medicos das companhias de seguros a fossem ver, e que *elle lhe faria tomar qualquer coisa para se mostrar agitada.*

---

11 FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PROLOGO

NA TERRA E NO MAR

XII

HORAS TRISTES

O grupo mysterioso que se distinguia sobre as ondas; algumas hoaas antes de submergir-se o *Poderoso*, compunha-se de Simão e Magdalena. Simão, sentado no botê, sustinha difficilmente em seus braços o corpo inerte da infeliz, por cujo rosto parecia diffundir-se o impalpavel da morte. Depois de cortar o cabo e afastar-se do navio, Simão voltára os olhos novamente para o rochedo avermelhado pelos relampagos. Já não o avistava. Commettera evidentemente um erro grave, gravissimo, que poderia custar-lhe a vida depois de uma lucta horrivel. Por um phenomeno de optica, tinha julgado o promontorio muito mais proximo do que estava realmente. Se assim fôra, a praia devia estar perto, e á mercê das ondas teria podido tocar o porto desejado. Mas Simão enganára-se, e, qual Robison Crusoé, só abrigava a remota esperança de encontrar uma ilha deserta. Em meio da sua afflicção, depositou Magdalena no fundo do barco, soltando uma imprecação ao notar a perda do menino, e calculando a dôr justissima da pobre mãe quando despertasse do seu desmaio; mas como a situação era perigosissima, empregou um supremo esforço, e empunhando vigorosamente os remos, intentou vencer as ondas. Passado algum tempo, Magdalena recobrou os sentidos. Ergueu-se, segurando-se á borda da lancha, olhou para todos os lados com angustia, estremeceu, e comprehendendo o logar em que estava, correu para Simão.

— E meu filho! onde esté meu filho?

— Coragem, senhora, coragem! — respondeu o marinheiro.

Magdalena soltou um grito despedeçador, e tornou a cair no fundo do barco, bradando:

— Meu filho! filho da minha alma! já não nos tornaremos a vêr!

— Resignação, minha senhora, Deus talvez haja determiaado que assim succeda e que seja a senhora a unica pessoa que deva salvar-se, para vingar o capitão Anselmo das infamias de John. Eu tenho aqui a carteira d'esse homem com todos os seus papeis.

Simão volveu o olhar para a infeliz mãe, mas esta nem o via, nem o escutava. Era insustentavel a situação de ambos, e decrto teriam perecido, se não passasse uma embarcação, que lhes prestou soccorro, continuando a sua derrota.

O capitão dirigiu varias perguntas a Simão. Este respondeu a algumas, calou-se a outras, e soube que o *Poderoso* naufragára não longe do porto. Desde então, Magdalena acreditou firmemente na morte de seu filho.

Quando, algum tempo depois, desembarcaram em San Faliú de Llobregat, Magdalena e Simão agradeceram ao capitão do *Piloto* o soccorro que lhes prestara, desejando-lhe boa viagem para a America, aonde se dirigia, e internaram-se na povoação, procurando uma pousada.

Um e outro tinham perdido no naufragio todos os seus haveres. Simão, que parecia ir examinando minuciosamente todos os edificios, parou, ergueu a vista, e vendo um militar atravessando a rua, disse-lhe:

— Quer ter a bondade de indicar-me uma estalagem?

O militar deteve-se no degrau de uma casa, na porta da qual já apoiava a mão, e examinando o interlocutor desde a cabeça até aos pés, respondeu seccamente:

— É aqui.

E entrou. Simão pegou na mão de Magdalena, e entrou tambem com esta, fechando novamente a porta.

A casa para onde entraram era uma grande cosinha com chaminé em forma de sino; no lar ardiam alguns troncos, diante dos quaes estava um homem com o corpo inclinado para o fogo. Ouvindo passos, o homem voltou o rosto, correu a estancia com a vista, fixando-a primeiro n'um grupo de militares e paizanos que jogavam a *arrenegada* diante de uma banca, e depois em Simão e Magdalena.

— Ha quartos? — perguntou o marinheiro.

O individuo que se aquecia ao lume, e que era sem duvida o estalajadeiro, fitou o desconhecido com receio, e continuou atiçando o fogo com o sopro. Simão esperou resignado a resposta. Cinco minutos depois, o estalajadeiro esgueu-se, desintumeceu as bochechas, que pareciam duas brazas, e lançando á viuva de Anselmo um olhar entre brutal e compassivo, perguntou a Simão:

— Para quantos?

— Para dois.

— Se a paga é adiantada...

Simão levou a mão á cintura, puxou pela ponta da cinta, tirou d'esta uma moeda de vinte reales, e respondeu apresentando-a:

— Não tenho mais; sou naufrago, estou longe da minha patria bastantes leguas, e hei de trabalhar para poder lá voltar. Dê por caridade abrigo a esta senhora, conceda-lhe um logar diante d'esse lume, de que as mais pessoas não fazem caso, e eu ficarei no palheiro, na cavallariça, ou aqui mesmo.

O estalajadeiro acercou-se, pegou na moeda que o desconhecido lhe entregava, e convencido de que era bôa, retirou-se resmungando.

Simão puxou uma cadeira para junto do lume, offereceu-a a Magdalena e depois d'ella se sentar, approximou-lhe os pés do calôr, em seguida sentou-se elle no chão, com as mãos cruzadas nos joelhos e o olhar sempre triste e amortecido. Assim se conservou mais de uma hora.

Os militares, que eram quatro, tinham interrompido o jogo para observarem Magdalena, cujos olhos estavam banhados em pranto.

O hospedeiro voltou á chaminé, e ao mesmo tempo que escumava uma grande panella que fervia ao lume, dirigiu de novo a palavra a Simão:

— Onde naufragaste?

— Não sei — respondeu o maritimo.

Ouvindo isto, o estalajadeiro olhou para os militares, dizendo com ironia:

— É singular.

Os militares viram n'isto um pretexto para examinarem mais de perto o marinheiro, e abandonaram a meza de jogo.

— Então não sabes o sitio do naufragio?— tornou a perguntar o estalajadeiro, agitando a escumadeira que tinha na mão.— É de estranhar essa resposta n'um homem que segundo as apparencias, é marinheiro.

— Pois ignoro-o

Simão parecia resolvido a evitar qualquer pargunta.

— É admiravel!— exclamou um militar fitando olhar insistente em Magdalena.

— Mas fizeste uma excellente pesca!— disse outro em tom de mofa.

Nos olhos de Simão brilhou um relampago de ira.

— Sou um pobre naufrago — respondeu elle — não importuno pessoa alguma, e supplico-lhes que respeitem a minha desgraça.

Os militares afastaram-se um pouco, e começaram a consultar-se reciprocamente, rindo e mirando lascivamente a infeliz.

Magdalena continuava chorando a morte de seu filho, conservando a cabeça pendida para o seio. Simão contemplava a. A dôr immensa da pobre mãe fazia-o comprehender quanto era difficil a missão que acceitára. Agora sosinha na terra, não tinha outro amparo senão o que elle lhe podesse offerecer, nem mais protecção do que a proveniente da sua amisade e do seu trabalho. Simão tinha fé na Providencia e acreditava que o capitão Anselmo lhe agradeceria do céu aquella boa acção,

(*Continua.*)

Madame de Pauw, que desde 12 de novembro não sahia, não poude occultar o segredo, de que se tratava, ás suas mais intimas amigas, chegando mesmo a escrever cartas em que dizia: «Apesar dos medicos me acharem muito doente, sinto-me perfeitamente boa. Tenho esperança de ainda vir a ter 3:000 francos de renda, o que será a felicidade de meus filhos.»

No dia seguinte á visita que ella teve d'algumas das suas visinhas e amigas, La Pommerais deu-lhe o liquido que a devia agitar, e á noite ella sentiu-se muitissimo incommodada com vomitos e grandes dores. No dia immediato La Pommerais, disse-lhe que aquillo fôra um pequeno ataque de cholerina e que ficaria restabelecida dentro de 24 horas; mas o seu estado aggravou-se cada vez mais, e depois de repetidas visitas de La Pommerais, madame de Pauw, morreu, na noite de 16 de novembro.

La Pommerais, subia a escada da madame de Pauw, quando esta exhalava o ultimo suspiro, e quando soube a noticia apenas quiz verificar se estava bem morta.

Tal era a impaciencia com que estava La Pommerais, de receber esses infamantes 550:000 francos, complemento do seu crime, que, logo depois do fallecimento de madame de Pauw, escreveu ás companhias convidando-as a habilitarem-se com o capital sufficiente para lhe pagar os seguros.

A morte inesperada de madame de Pauw, impressionou o mais vivamente possivil todas as pessoas que com ella se davam, e seu cunhado, posto ao facto do que se tinha passado e sabedor então de que especie era La Pommerais, deu parte ás auctoridades de que, segundo todas as probabilidades, a cunhada tinha sido envenenada por aquelle medico.

A autopsia do cadaver foi feita pelo dr. Tardieu, que disse que madame Pauw, não tinha dado a tal queda, que se attribuia a sua morte, não tinha mesmo o menor vestigio de lesão ou doença, e encontrou nas materias vomitadas a existencia de um veneno energico, que, segundo os effeitos produzidos devia ser a digitalina.

Em seguida a este exame, e ouvidas as testemunhas, procedeu-se a uma busca em casa de La Pommerais, onde se encontrou uma quantidade consideravel de venenos de todas as especies, existindo entre elles um frasco de duas grammas de digitalina, que continha ainda 0g,15. As explicações dadas por La Pommerais foram tão pouco plausiveis, que a justiça mandou-o logo prender.

Relembrou-se então a morte de madame de Dubizy, e foi dada ordem para se proceder á sua autopsia.

O dr. Tardieu, encarregado de a fazer, declarou que os principaes orgãos estavam n'um estado tal de conservação, que se tornava difficil explicar a morte por uma causa natural.

Em consequencia d'isto, a 9 de maio de 1864, Courty de La Pommerais, foi julgado pelo duplo crime de ter assassinado a sogra e madame de Pauw. O julgamento durou nove dias.

Apesar de todos os esforços empregados por M. Lachaud, advogado do réo, para provar a sua inculpabilidade, o jury pronunciou, a 17 de março, um veredictum negativo, relativamente ao envenenamente de madame de Dubizy, mas affirmativo e sem circumstancias attenuantes quanto ao praticado na pessoa de madame de Pauw.

La Pommerais foi condemnado á pena capital, em virtude da deliberação do jury. Ouvindo lêr a sua sentença, o condemnado córou ligeiramente, levantou-se a custo e com voz fraca e mal articulada, pronunciou estas palavras: «Estou innocente, juro». Foi [illegible] no cadafalso no dia 9 de junho do mesmo anno.

CARTA PASTORAL

Dom Augusto Eduardo Nunes, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano d'Evora, do Conselho de S. M. F., Par do Reino, Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra, etc.

AO NOSSO ILLUSTRISSIMO CABIDO, REVERENDOS PAROCHOS E SACERDOTES E A TODOS OS FIES D'ESTA NOSSA ARCHIDIOCESE

Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador

Ha tempo de calar e tempo de fallar, diz a Sabedoria Eterna: *Tempus tacendi et tempus loquendi.*

Quando o fogo violento da paixão escandesce os corações, e o fumo que d'elle se evola turva os intendimentos, é perigoso, ou ao menos inutil fallar. O homem apaixonado não presta docil ouvido á linguagem da razão: *Ubi auditus non est, non effundas sermonem.*

Por este motivo, temo-nos abstido até hoje de vos fallar, amados Cooperadores e Filhos em Jesus Christo, das deploraveis occorrencias que sobresaltaram a população d'Evora, pelos fins de setembro e principios de outubro ultimos. No meio da agitação febril que um sôpro funesto do espirito revolucionario levantou quasi a subitas n'esta cidade pacifica e ordeira, baldado seria o intento de fazer sobresahir ao bramido da procella a voz do bom senso; e qualquer palavra, por mais cordata e bem intencionada que fosse, seria quiçá tomada á conta de imprudente provocação.

Agora porém, que os animos, segundo julgâmos, estão mais serenos e tranquillos, agora que a reflexão judiciosa deve ter substituido o tumultuoso desvario, cremos chegada a opportunidade de fallar.

Temos para nós que fallando cumprimos a nossa missão e obtemperâmos ao nosso dever.

Ha occasiões em que o silencio se converte de prudencia em cobardia.

Se se tractasse apenas de aggravos pessoaes, talvez continuassemos silenciosos, aguardando com paciencia que tarde ou cêdo o Juiz Infallivel, que prescruta os corações, fizesse resplandecer a verdade e triumphar a justiça.

Tracta-se, porém, de uma coisa, mais alta e mais sancta, mais veneranda e inviolavel que a nossa humilde pessoa; tracta-se dos direitos sagrados da Egreja, que nos cumpre sustentar; tracta-se do livre exercicio da altissima missão de que, com quanto sem merecimento proprio, estâmos revestido, e que temos indeclinavel obrigação de resguardar de quaesquer vexações e prepotencias; tracta-se do principio da auctoridade ecclesiastica, de que somos uma personificação, tracta-se da nossa dignidade espiritual de Bispo Catholico, de que devemos ser estrenuo defensor. Urge pois fallar.

Erguemos a nossa voz de Pastor; e esperamos que a grei fiel confiada pelo Espirito Sancto, á nossa solicitude, attenderá docilmente a nosssas palavras.

Falaremos sem receio, mas sem acrimonia; sem fraqueza, mas sem odio ou resentimento contra quem quer que seja. Oxalá que a expressão não destôe da serenidade que está em nosso animo, embora seja vehemente a dôr que nos punge e pungirá sempre o coração. As amarguras da hora presente não oblitteram de nossa memoria as muitas e valiosas demonstrações de respeito e affeição que recebemos, durante muito tempo, do clero e dos fieis d'este Arcebispado.

Ha pouco mais de tres annos, ao tomarmos posse da nossa cadeira Archiepiscopal, recebemos, com grande consolação e reconhecimento, de todos os pontos da Archidiocese, e em particular da Metropole, as mais espontaneas e significativas provas de sympahia e consideração, que traduziam a união que estreitava a grei ao seu Pastor. Porque se pretende agora espedaçar estes laços? Porque se tenta separar de nós, os corações de nossos amados filhos? Porque se ergue contra nós, uma lucta tão porfiada e violenta? Que fizemos para transmudarem assim em malquerenças, os affectos e em apodos os louvores? Qual foi o nosso crime? De que é que somos accusados? De sermos *reaccionario e jezuita.*

São muito vagos, muito elasticos estes termos: é mister esclarecel-os.

Se se pretende por elles insinuar que impugnamos as liberdades publicas e as garantias do systema constitucional, que somos adverso ás instituições politicas que regem o paiz, que contrariamos os legitimos progressos e a prosperidade temporal da nossa patria, que prégamos doutrinas dissolventes e attentatorias contra a sociedade domestica e civil, que somos fautor do absolutismo e da oppressão do povo, que desejariamos ver restabelecidos os *autos de fé* e os carceres da Inquisição; repellimos energicamente taes epithetos e taes insinuações, que declaramos completamente falsas e injustas. A Religião Santissima, de que somos sacerdote, a egreja catholica de que somos ministro, não tem por unico alvo a felicidade espiritual e a salvação eterna de seus filhos: quanto em sua esphera cabe, deseja procura, proteje e promove a genuina liberdade, o legitimo progresso, a verdadeira civilisação, a solida prosperidade temporal dos individuos e dos povos. A historia de dezenove seculos attesta brilhantemente esta verdade. Confirmam-a os factos contemporaneos. Leiam-se as aureas encyclicas do immortal Pontifice que ora preside á Santa Egreja, d'esse eminente sabio, a quem os mesmos adversarios admiram e os proprios inimigos veneram; e ver-se-ha como Leão XIII aponta aos individuos, ás familias e aos estados o caminho da ordem e da paz, da justiça e da moralidade, do respeito a todos os direitos e do cumprimento de todos os deveres, fundamentos indispensaveis da prosperidade particular e publica. Não devem estar ainda apagados de todo os eccos da palavra pontificia, que se ergueu em prol das classes operarias, e mostrou luculentamente a melhor solução da questão social, que impende, como um perigo e uma ameaça constante, sobre as nações modernas. Não deve estar ainda esquecida a recommendação que o Santo Padre, fez aos catholicos francezes de respeitarem e acceitarem as instituições existentes, apezar de serem republicanas. Nós estamos com o Papa; queremos a ordem sem oppressão, e a liberdade sem excessos; queremos o respeito ás leis e ás auctoridades, mas desadoramos a tyrannia e o despotismo; amamos a patria, que desejamos ver livre e independente, grande e gloriosa. Será isto ser *reaccionario e jezuita?*

Se porém com estas expressões se quer significar que somos discipulo de Jesus Christo, que aspiramos a imitar seus sublimes exemplos e seguir seus sanctissimos vestigios; que somos, e queremos ser até á morte, filho obediente da Egreja de Deus Vivo; que abraçamos com amor todas as verdades que ella ensina, todos os preceitos moraes que ella impõe, todas as leis disciplinares que ella estatue; se emfim se quer dizer que acima de tudo somos, e nos pezamos de ser *catholico*, então acceitamos de bom grado taes epithetos.

Sim! Somos Bispo catholico: temos o dever sagrado de combater a acção devastadora da impiedade e da descrença; temos a indeclinavel obrigação de *reagir* contra o erro e o mal: n'este sentido, somos *reaccionario*. Somos ministros de Deus, somos discipulos de Jesus Christo, a quem devemos fazer conhecido, amado e obedecido por todos os nossos filhos espirituaes, e para quem devemos attrahir todos os corações, para que Jesus em todos reine e viva plenamente *(ut sit omnia in omnibus)*. N'este sentido — não hesitamos em o affirmar, mercê do Ceo! — somos *jesuita!*

E se não fossemos *reaccionario* e *jesuita* n'este sentido, se nãe zelassemos a gloria de Deus e a salvação das almas, se não tivessemos a peito a conservação, o ensino, a propagação da doutrina que Deus revelou e a Egreja propõe; se deixassemos por Nossa incuria infestar de hervas ruins o campo do Pae Celestial, de quem somos gerente, e consentissemos indifferente que lobos vorazes dilaniassem os cordeiros que temos encargo de guardar e apascentar, — attraiçoariamos a Nossa missão, faltariamos ao que de Nós exigem a Egreja e o Estado, violariamos o sancto juramento que prestámos, quando o oleo sancto Nos ungiu a fronte, seriamos indigno do nome de *Bispo* e attrahiriamos sobre Nós a eterna maldição.

Foi em desempenho d'estes Nossos deveres, d'esta Nossa missão pastoral, que auctorizámos dois *sacerdotes seculares* a ensinarem em uma capella publica d'esta cidade a doutrina christã ás creanças. Não pertencem elles a nenhuma Ordem religiosa ou instituto regular; não são *jesuitas* (na accepção propria), não são *frades*; teem ambos collocação official, como é bem notorio em Evora. O ensino da doutrina christã (que outra coisa não significa a palavra *catechese*) era inteiramente livre e facultativo: offerecia-se a quem o quizesse aproveitar, sem violencia de nenhuma especie: nem as creanças eram coagidas a irem á catechese, nem os paes a mandál-as. E de que meios poderiam os catechistas ou poderiamos Nós dispôr para obrigar quem quer que fosse? A catechese dos Loyos, como é tambem sabido, não era uma instituiação que datasse de alguns dias: estava estabelecida havia mais de um anno. Quando se inaugurou, pareceu merecer as sympathias, porque teve o auxilio de bastantes pessoas de diversas classes sociaes, que subscreveram para o fundo destinado a premios ás creanças. Estes premios, por via de regra, consistiam em fato, calçado e outros objectos de utilidade, alliando-se d'este modo as obras de misericordia corporaes com as espirituaes, e prestando-se um serviço duplamente proveitoso aos filhos do povo.

Com vária fortuna ia progredindo a piedosa obra, quando inopinadamente começão de surgir contra ella clamôres de indignação, que, a breve trecho, encontraram ecco no espirito do povo, desvairado por suggestões apaixonadas. Dir-se-á que esses clamôres eram a expressão justa da reprovação que mereciam as doutrinas ensinadas? Se isto fôsse verdade, se o ensino fôsse erroneo, se lhe faltasse a pureza e orthoxia, deveriam os erros doutrinaes ser-nos denunciados, para corrigirmos e atalharmos, como juiz competente que somos n'esta materia. Não é aos seculares, de qualquer dignidade e illustração que sejam, que pertence a apreciação da doutrina ensinada pelos ministros da egreja. O leigo é simples ovelha: *Donec laicus est, ovis vocari non desinit* (S. Basilio). «Vós não sois mais que simples ovelhas (escrevia o inclyto S. Gregorio de Nazianzo): não transponhaes os limites que vos são prescriptos. Não vos compete a vós apascentardes os pastores... Se vos antepuzerdes aos guias a quem deverieis seguir, violareis a ordem, infringireis a obediencia, que, como lei salutar, protege e conserva egualmente as coisas da terra e as do Céo». (Orat. XVII).

E se por parte dos catechistas houvesse abusos d'outra natureza, attentados contra as leis ou contra a moral publica, se houvesse crimes ou delictos, não faltariam meios legaes de os punir e evitar.

Que razão havia pois para oppôr ao ensino a assuada e o insulto, á doutrina a violencia, á cathecese a perseguição!?

Invocar a liberdade de pensamento e de consciencia para á força impedir o ensino da doutrina christã a quem a queria aprender, em uma cidade catholica, em uma cidade do Reino de Portugal, do Reino Fidelissimo, onde a Religião Catholica Apostolica Romana, é por direito constitucional a religião do estado, seria um processo logico, um expediente correto, um caminho legitimo?...

Respondam todos os homens de bom senso e juizo imparcial. Digam todos elles de que lado está a verdadeira comprehensão da liberdade.

Não duvidamos que, entre os Eborenses, muitos, quasi todos porventura, reprovariam os motins e arruaças que a cidade surprehendida presenceou n'aquelles dias luctuosos. Fazemos justiça ao caracter honesto, á indole ordeira, ao criterio sensato da população d'esta cidade, á qual são extranhos quasi todos os que a opinião publica indigita como principaes agitadores do povo.

Evora, não pode ser, não quererá ser responsavel pelos desmandos d'alguns desvairados, na grande maioria alienigenas, que, para supprimir uma propaganda meramente doutrinal, recorreram aos meios violentos, á oppressão de que falsamente accusam os chamados reaccionarios.

Evora, a cidade de gloriosas tradições christãs, a séde episcopal fundada por S. Mancio, discipulo do Salvador, nobilitada com o sangue dos heroicos, Martyres Vicente, Sabina e Christeta, enriquecida de tantos, tão sumptuosos, tão imponentes e admiraveis templos, monumentos da crença catholica e da arte genial., Evora, que ostenta em poemas de pedra os testemunhos irrecusaveis da fé e do sentimento religioso de seus antigos filhos; Evora, cuja historia aponta em aureas paginas os nomes de tantos Prelados magnanimos, de tantos theologos famosos, de tantos barões benemeritos da Egreja e da Patria,—não podia consentir que todas estas glorias fossem deslustradas pela hallucinação transitoria d'alguns amotinados.

Tal era e é a nossa convicção.

Quando se produziram os primeiros symptomas de desagrado contra as catecheses, não as suspendemos desde logo porque tal medida equivaleria a confessar que não confiavamos na justiça da causa, nem na protecção das auctoridades, nem na sensatez do espirito publico. Esperavamos que a maioria dos Evorenses, fariam justiça ás boas intenções dos cathechistas e saberiam apreciar o serviço que ellas estavam prestando á educação relegiosa e moral dos filhos do povo.

Se recorremos ás auctoridades civis sollicitando providencias, tinham estas por fim manter no templo a ordem e o respeito devido á casa do Senhor, e assegurar aos sacerdotes a immunidade a que todos os cidadãos portuguezes teem direito e o livre exercicio do seu ministerio.

Não pretendiamos *impôr as catheceses*, seria tal intento a maior das insanias. Não queriamos perseguir e vexar o povo. Não desejavamos que corresse sequer uma gotta de sangue. Perante Deus e os homens protestamos que só depois do facto consummado tivemos conhecimento da intervenção da força militar.

Repetimos: o nosso intuito era *deffender* e não *offender*; manter a liberdade individual, não opprimil-a; sustentar direitos, não aggredir pessoas.

Sustentar direitos, dizemos; porque é nosso direito proprio e nosso dever sacratissimo ensinar e mandar ensinar as verdades da fé.

A todos os pastores d'almas, primarios e secundarios, incumbe esta obrigação stricta; a todos se applica a imperiosa palavra do Mestre Divino: *Docete!*

Notemos, porém, de passagem que, sendo este um *dever* dos parochos, não é comtudo um *direito exclusivo* d'elles. E' officio commum de todos os sacerdotes o ensinar, mormente quando são commissionados ou delegados para o exercerem pelo Bispo Diocesano, que é o parocho dos parochos. Affirmar que a catechese feita na egreja dos Loyos (pertencente a uma das familias nobres de Portugal) por dois sacerdotes auctorisados pelo Prelado, proprio, era uma invasão dos direitos parochiaes, seria a mais frizante prova de crassa ignorancia da materia.

(Continua).

SECÇÃO AGRICOLA

INFLUENCIA DAS CHUVAS NA AGRICULTURA

As chuvas tão necessarias para o desenvolvimento dos fructos, augmento dos prados naturaes e artificiaes, abastecimento dos nascentes e saneamento das povoações, especialmente no estio, quando este se apresenta secco e demasiado calmoso, podem tornar-se egualmente prejudiciaes tanto para a saude publica, como para os fructos quando fóra das occasiões proprias, ou em abundancia torrencial.

No principio de outubro, as chuvas constantes, predispõem as arvores para gelarem no inverno, o que ordinariamente dá causa e torna-se diminuta, no anno seguinte, a fecundidade e conseguintemente a producção. Confrontando o que temos lido com as observações de uma aturada experiencia, chegamos á conclusão de que as chuvas, na primavera e estio, são altamente vantajosas á vegetação, quando pouco continuadas e em quantidade moderada, tornando-se damnosas quando demoradas e frias, porque retardam a florescencia das arvores fructiferas, e lavam ou empastam o pollen das flores, arrojando-as ao chão.

Se a chuva é demasiadamente forte, produzida por violentas trovoadas, que deslocam grandes massas de agua, e acompanhada muita vez de granizo, sempre damnoso para todas as culturas, os fructos são derrotados, as arvores ficam despojadas dos seus pequenos ramos, as plantas herbaceas e hortenses despedaçadas, as terras planas recalcadas e as de declive e move diças arrastadas pela corrente, que muitas vezes deixa a descoberto o subsólo. Quando porém as trovoadas são brandas, a chuva por ellas produzida é muito mais abundante em ammoniaco de que a ordinaria, sendo, por isso, notavelmente benefica á vegetação.

A neve ou agua congelada na atmosphera em pequenos cristaes, aggregados uns aos outros, é de grande vantagem para a agricultura, porque traz comsigo grande porção de ammoniaco, que auxilia a vigorisar as terras, fertilisando-as de maneira a produzirem abundantemente, destruindo tambem a neve, muitos animaes que se occultam na terra, e ainda os parasitas que se asilam nas cascas e folhas das arvores. A neve pode, comtudo, tornar-se nociva para as culturas e fructos quando caia fora da estação conveniente, no fim da primavera, por exemplo, pois que, não desgelando rapidamente, em consequencia da baixa temperatura, prejudica muito as arvores e plantas nas novas folhas e rebentos; estes casos, porém, nunca se dão nos Açores e não são frequentes em Portugal.

Em fim, quando, durante o verão, venham chuvas que produzam nateiros, etc., e que lavem as estradas e canhos publicos, arrastando o pó deve aproveitar-se esta agua nos campos marginaes, pois que vae vigorisar as terras, auxiliando o desenvolvimento dos fructos. Para esta agua pluvial aproveitar a todo ou á maior parte do campo, conforme a duração da enxurrada, deve guiar-se convenientemente, pois que assim produz o effeito d'uma boa estrumação, ficando o terreno já preparado para a cultura do anno seguinte.

Francisco M. Martins de Oliveira.

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRAS

PROSAS

DE

A. A. DE LIMA DUQUE

I

O VELHINHO

(Fragmento)

Todos os dias, invariavelmente ao cahir da tarde, quando o sol se ondêa de fogo na orla do occidente, aquelle sympathico velhinho se vae prostar defronte do astro no occaso, encostado á mulêta que lhe equilibra os passos vacillantes, lançando um demorado olhar ao sol que vae esconder-se.

Como me attrahe e me commove aquelle vulto d'ancião decrépito e meditativo contemplando, em extasis tão mystico, o ultimo bruxolear de cada dia que se escôa?!

Que alluvião de memorias se não afogarão n'aquella mente já arrefecida pelos annos, d'envolta com os pensamentos actuaes do triste velhinho que estou vendo?

E na realidade é bem semelhante ao dia a vida que nós vivemos e que depressa vamos afogar na treva do sepulchro.

Como este dia que vae morrer nas brumas no crepusculo vespertino a vida do pobre ancião que lhe contempla os lampejos derradeiros tambem teve aurora de luz, de fogo e de matiz: teve tambem o seu zenith no meridiano da sua existencia; tem agora o seu occaso no prezado volver dos annos, que lhe cobriram do cans alvissimas e rugas bem profundas o seu rosto macilento, outr'ora rozado e fresco.

E quem sabe se o meigo velhinho que d'aqui estou vendo ainda, ainda prêzo no magnetismo do agonisar do dia, não passará agora pela mente, em procissão de espectros, saudosos e sempre queridos, os seus sonhos mais ardentes de rapaz, a madrugada inteira do seu viver já ido?

Talvez lhe lembrem os carinhos maternaes na sua infancia recebidos e elle busque vêr no poente, entre os fogos do astro-rei submerso além dos montes, a imagem bemdita e doce da mãe que lhe morreu: talvez o pensamento lhe revôe para esse vulto de mulher, sempre peregrina ao coração, que lhe abria pela primeira vez na sua alma juvenil o paraizo do amor; e elle procure, ajudado pela phantasia, esboçar na penumbra que o rodeia esse typo encantador quasi apagado na sua memoria: talvez lhe lembre o filho que o ceu lhe arrebatou ainda pequenino, tão cheio para elle de graça e de ternura, e tente vêr no azul, acima dos reverbèros dos *stratus* do poente, alguma estrella que se pareça ao doce olhar d'esse anjo, que a morte lhe levou: talvez, emfim, que o pobre velho, abarcando a mocidade n'um jacto de luz, sepulte com o sol, velado já nos cômoros da serra convisinha, as ultimas illusões da sua vida gasta e espere a noite do mausoleu para renascer aos fogos da eternidade; como o dia que vae extinguir-se na treva que se approxima hade renascer n'outro horisonte durante a noite que nos cobrir.

Como és sympathico e cheio de poesia, ó triste encanecido, quando o teu olhar mergulha nos clarões do occidente, qual ave fatigada a contemplar na lympha d'arroio crystallino o retrato do seu vulto, a ella fugitivo!

(Continua.)

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

A Fabrica de Fundição do Ouro, fundada em 1864 por Luiz Ferreira de Souza Cruz, seu actual director e gerente, *que foi premiada com as primeiras medalhas na exposição industrial portuense de 1861, sendo uma por distincção; com a medalha de prata na exposição agricola de Braga em 1863; com a medalha de honra na exposição agricola de Lisboa em 1864; com o diploma de merito na exposição Universal de Vienna d'Austria em 1873, e com a medalha de 3.ª classe da Associação Nacional, Agricola, Manufactureira e Commercial de Pariz em 1879*, acha-se hoje extraordinariamente augmentada com importantes machinas para auxilio dos seus trabalhos, e por isso muito habilitada para a construcção de machinas e caldeiras de vapor, tanto para terra como para mar, até á força de 200 cavallos, de qualquer dos systemas mais aperfeiçoados e uteis. Motores hydraulicos, machinas de destilação, prensas para azeite e para vinho, e toda e qualquer obra de ferro fundido ou batido, metal, cobre ou bronze.

Porto, 9 d'outubro de 1893.

VENDE-SE

UM carro de 4 rodas, com tolde de verniz da Russia, com 4 logares dentro e dois fóra, com 2 cadeiras, uma atraz e outra adiante, construido ha pouco tempo na casa Latourette, do Porto. Quem o pretender póde dirigir-se a Antonio José de Freitas Guimarães, de Pardelhas, concelho de Estarreja.

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES

PARA PIANO E CANTO

por

Cesar das Neves e Gualdino de Campos

Summario do 1.º fasciculo: — «As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Canna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saloro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

PRIMEIRO DISCURSO

PROFERIDO NA SESSÃO DE 14 DE FEVEREIRO

Sr. presidente: separado ha mais de doze annos do corpo legislativo, é possivel que na discussão empregue algum termo pouco parlamentar: se assim acontecer, rogo a v. ex.ma, peço aos mais collegas me façam a justiça de acreditar, que só involuntariamente eu poderei proferir alguma expressão, em que appareça a menor falta ao respeito que consagro a v. ex.ma, e ao decoro d'esta camara, onde só deve reinar a mais placida discussão, e a mais escrupulosa decencia (*muitos apoiados*).

Durante esta memoravel discussão, graves accusações tem resoado n'esta sala, e algumas se me tem dirigido, ás quaes cumpre-me responder. São ellas — Decreto dos fusilamentos — Golpe de estado e reacção de 6 de outubro — Suspensão das garantias — Proclamação de 6 do outubro — Omissão de um manifesto — Revolta dos marechaes — Creação e duração dos batalhões — Capitulação de Torres Vedras — Ida dos prisioneiros para a Africa — Ataque das linhas do Sul do Porto. Deixarei a revolta dos marchaes para o fim, e nos outros seguirei a ordem chronologica.

Sr. presidente, no mundo physico como no moral, os objectos e os factos que se nos apresentam, nunca são igualmente considerados pelos individuos, que os observam, ainda quando despidos de todos os preconceitos; mas os factos considerados em relação á politica, e olhados através do prisma das parcialidades, produzem sempre impressões oppostas nos individuos de opiniões diversas, e por conscienciosas que sejam, formam a respeito dos mesmos factos opiniões differentes. Peço aos D. Pares, que se sentam do outro lado da camara, que attribuam unicamente a esta causa a differença, que encontrarão no modo como encararam os factos de 6 de outubro, e aquelle pelo qual eu então os julguei, e ainda hoje os considero.

Completamente estranho á politica interna do paiz des-

commandante da 4.ª divisão militar, com a cópia de uma proclamação feita pelos sectarios de D. Miguel, e da acta de uma eleição que os mesmos sectarios fizeram no dia 23 de junho em Villa Chã. Por esta occasião dizia o mesmo Barão do Almargem, que os povos do concelho de Prado, tinham hido á Freguezia de Palmeira, com as armar na mão, exigir do rendeiro do subsidio litterario addicional, as quantias que haviam pago; e que este facto, e outros, mostravam que não era possivel conter os povos, e sustentar as instituições, sem o apoio de uma força respeitavel.

O visconde de Alcobaça, commandante da 3.ª divisão militar, em officio de 3 de julho de 1846, diz que o Barão do Almargem, commandante da 4.ª divisão militar, lhe participára haver apparecido na freguezia das Neves, districto administrativo de Vianna, uma guerrilha de 30 homens bem armados e equipados, dando vivas a D. Miguel.

O visconde de Alcobaça, commandante da 3.ª divisão militar, diz em officio de 7 de julho de 1846, que, por participações que recebera, sabia que os revoltosos que em numero de 200 haviam apparecido nas aldêas de Deão, e Deucrista, na margem esquerda do Lima, tinham sido batidos e dispersados nas montanhas proximas a estas duas aldêas.»

E proseguiu — Agora passarei a lêr o que respeita ao ministerio do sr. V. de Sá da Bandeira.

«O Barão de Almargem, commandante da 4.ª divisão militar, em officio de 6 de agosto de 1846, diz que lhe consta achar-se em Murça o general miguelista Mac-Donald.

Em annuncio telegraphico, communicava o commandante da sub-divisão militar de Coimbra em dada de 7 de agosto de 1846, que os miguelistas forneciam se de munições de guerra.

O visconde de Alcobaça, commandante da 3.ª divisão militar, em officio de 8 de agosto de 1846, diz que em varios concelhos no districto da divisão a seu cargo, tinham apparecido guerrilhas miguelistas.

Dito — em officio de 13 de agosto de 1846 envia cópia de um officio do governador militar interino de Aveiro, em

signatarios. Começam as assignaturas pelo presidente da junta do Porto e acabam pelo redactor da *Revolução de Setembro*, que se declarou na mesma folha como redactor do *Espectro*, do *Espectro* que podiu muitas vezes a cabeça do chefe do Estado!

Um dos jornaes contemporaneos o *Estandarte* pintou com apropriadas côres, o que era o *Espectro*. Copiamos pois tambem as suas palavras para que o publico avalie na severa imparcialidade do seu juizo o que significa uma accusação, que sahe de taes orgãos.

E' inutil o fingimento, senhores! Ninguem vos acredita. Hontem *córavam-vos as faces de vergonha por terdes de referir á* Soberana *escandalos*, que arripiavam as faces dos *virtuosos* e *honestos* cidadãos! Mas perguntar-vos-hemos: não era essa a *Soberana*, cuja cabeça pretendieis esmagar d'encontro aos degraus do throno? Não era ella a Rainha que fulminaveis como anathema da vossa implacavel vingança? Responder-nos, que muito desejamos ouvir-vos: e para *melhor* explicardes a contradicção flagrante, em que tendes caido, vamos repetir (ainda que repugna similhante tarefa) algumas palavras, que, não ha muito, proferieis em relação ao supremo chefe do estado.

«Este vampiro quer mais sangue; é a paga que este tigre dá ao povo infeliz que lhe deu um throno.

Povo portuguez! Tu nada lucras em conservares no teu seio esta vibora, ou ella ha-de respeitar os teus direitos, ou então que tenha a sorte de Luiz XVI; este porém foi menos culpado!

Povo portuguez! A's armas! Senão serás fusilado ou deportado. Viva Portugal! A's armas! E seja o novo grito de guerra: Viva D. Pedro V!»

Esta invocação, digamol-o de passagem, prova tambem quanto e nobre e desinteressado um dos *paes da patria*, signatario do vosso requerimento!

Quereis que vejamos impassiveis a urdidura de planos tenebrosos; que dêmos credito aos hypocritas, e aos falsarios; e que esperemos que tenhaes cavado o precipicio para nos lan-

GRANDE LIQUIDAÇÃO

JOSÉ DOS SANTOS GAMELLAS & FILHO, retirando da vida commercial, liquidam todos os generos que tem no seu estabelecimento e que constam do seguinte:

Grande quantidade de vinhos finos nacionaes e estrangeiros, cognacs, licôres, genebra, champagne, aguardente de canna, cervejas nacionaes e estrangeiras, variadissimas qualidades de conservas, bolachas, dôces, massas e farinhas para sôpa e dôce, pássas de Malaga, cartonagens para amendoas, chás, café, arroz, assucares e muitissimos outros artigos que seria impossivel innumerar.

Tambem se vende a armação do estabelecimento e todos os seus pertences, assim como se alluga a loja, casa e armazens, a principiar em 1 de janeiro de 1894.

Avisamos todas as pessoas com quem têmos transacções, a apresentarem-nos as suas contas até 15 de dezembro, para serem devidamente pagas; e avisamos todos os nossos devedores para nos pagarem as suas contas, até ao mesmo dia 12 de dezembro, sob pena de serem obrigados judicialmente, ou as dividas serem vendidas em praça.

Aveiro, 20 de novembro de 1893.

José dos Santos Gamellas & Filho.

GRANDE HOTEL VOUGA

EFFECTUOU-SE no dia 10 de setembro a abertura inaugural d'este magnifico hotel, sem contestação o primeiro da cidade, com explendidos commodos, admiraveis vistas para todos os pontos de Aveiro, e comidas de primeira qualidade, a preços reduzidos, em meza redonda ou separada.

O **Grande Hotel Vouga,** em todas estas condicções, excepcionaes, n'uma terra como esta, vem substituir o antigo *Hotel Aveirense,* em edificio proprio, desde o seu começo feito para um estabelecimento grandioso como este. Tem a todos os comboyos carro na estação do caminho de ferro da cidade, gratuito para os seus freguezes, garantia que nenhum outro offerece tanto aqui como lá fóra. Por todas estas razões, que são na verdade extraordinarias, o **Grande Hotel Vouga** deve ser de preferencia procurado por todos, e assim o espera o seu proprietario, que se não poupa a exforços para eleval-o á altura em que se encontra.

PREGOS D'ARAME

GRANDES DESCONTOS

PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA

Rua das Janellas Verdes

LISBOA

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaese-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—**LISBOA**

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypophosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D Pedro, 50, Lisboa

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

900 a 1:000 GRAVURAS

PROSPECTO E ESPECIMEN GRATIS

Assigatura 20 réis por fasciculo ou caderneta 180 réis (10 fasciculos)

ESTÁ CONCLUIDO O PRIMEIRO VOLUME

PARA INFORMAÇOES

BIBLIA SAGRADA—ILLUSTRADA

MOUSINHO DA SILVEIRA, 191, 1.º—PORTO

E NAS LIVRARIAS

JUIZO DE DIREITO

DA

Comarca de Aveiro

ARREMATAÇÃO

POR este juizo, cartorio do escrivão do terceiro officio—Duarte Silva—e nos autos de execução de sentença em que é exequente João Antonio Alves, negociante, d'esta cidade, e executados Antonio Nunes Carrancho Junior, viuvo, por si e como representante de seus filhos menores, do logar e freguezia da Palhaça, vae á praça para ser arrematado, no dia 10 do proximo mez de dezembro, por 11 horas da manhã, nas salas do tribunal judicial d'esta comarca, sito no Largo Municipal, d'esta cidade, o direito que os executados teem sobre os predios descriptos sob os numeros quarenta e sete e sessenta e seis, no inventario a que se procede por obito de Emilia Marques, casada que foi com José dos Santos Polonio, de S. Bernardo, d'esta comarca, e são os seguintes:

Uma terra lavradia sita na Ucha, limite de S. Bernardo, que tem dentro dois fornos de cozer telha, competentes barreiros e duas casas de arrecadação, que paga de fôro annual ao doutor Emilio de Oliveira, do Porto, sessenta e sete litros de trigo gallego e noventa e tres litros e oitocentos mililitros a José Eduardo d'Almeida Vilhena, de Aveiro, avaliada, livre de fôro, em 1:013$160 réis, e

Umas casas terreas sitas nos Santos Martyres, d'esta cidade, que pagam de fôro quatro mil e quatrocentos réis annuaes á Camara Municipal de Aveiro, avaliadas, livre de fôro, em réis 612$000, cujo direito foi liquidado na quantia ne 262$624 réis.

Pelo presente são citados todos os credores incertos.

Aveiro, 21 de novembro de 1893.

O escrivão de direito do 3.º officio,
Antonio Augusto Duarte Silva.

Verifiquei.—O juiz de direito,
Eduardo da Costa e Almeida.

HOSPITAL DA SANTA CASA

DA

MISERICORDIA D'AVEIRO

POR deliberação da meza administrativa d'este estabelecimento, está aberto o concurso documental até ao dia 10 do proximo mez de dezembro, para preenchimento dos logares de enfermeiro e enfermeira, no mesmo hospital, que se acham vagos, e com o vencimento diario de 500 réis.

As condições e mais esclarecimentos acham-se em poder do cartorario da Irmandade.

Aveiro, 19 de novembro de 1893.

O cartorario,
Francisco d'Assis Marques Gomes.

As pessoas que conhecem as
PILULAS
DO DOUTOR
DEHAUT
DE PARIS
não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

TABOADA INTUITIVA

NOVO METHODO

RACIONAL E PRATICO

DE APRENDER A TABOADA

DE

Sommar, diminuir, multiplicar e dividir

POR

MARIO SUL

Preço (com instrucções)..... 50 réis.
Sem instrucções..... 30 réis.

A' venda em todas as livrarias e no deposito principal—*Typographia da «Beira Baixa»*, editora—FUNDÃO.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica,* taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo officiai das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

ARREMATAÇÃO

A Camara Municipal do concelho de Anadia, faz publico que, no dia 10 de dezembro, proximo futuro, na villa de Anadia e paços do concelho se hade proceder, pelas 10 horas da manhã, á arrematação de fornecimento de carnes verdes de boi, vacca ou vitella, para consumo dos habitantes do concelho, durante o proximo futuro anno de 1894. O fornecimento será adjudicado, se assim convier.

As condicções da arrematação acham-se patentes na Secretaria da Camara, em todos os dias não santificados, das 8 horas da manhã ás 2 da tarde.

Anadia, 20 de Novembro de 1893.

O Presidente da Camara,
Barão do Cruzeiro.

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annnnciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas electricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, portavozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz

AVEIRO

A' ILLUSTRE CLASSE MEDICA

Roga-se aos ex.mos srs. facultativos do paiz, ilhas adjacentes e ultramar que não tenham recebido o *kalendario agenda* da

COMPANHIA PORTUGUEZA «HYGIENE»

o favor de enviarem os seus endereços ao escriptorio da mesma companhia.

59, Praça de D. Pedro, 1.º—LISBOA

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

ALMANACH DE LEMBRANÇAS PARA 1893

Preços:—Cartonado 320 réis; brochado 420 réis; dito das senhoras 240 réis.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

çarmos n'elle espontaneamente! Enganaes-vos. Se desapprovamos a marcha do gabinete de 18 de junho, fazemol-o no goso d'um direito, que ninguem póde negar-nos, e no cumprimento d'um dever, que não sabemos preterir. Para elle, somos por tanto opposição legal; para vós, inimigos irreconciliaveis. Temos armas para combater-vos, e um *milhão de jactos* indecorosos para vos lançar em rosto, sempre que d'elles queiraes mostrar-vos esquecidos.

poucos dias abrangeria toda a provincia do Traz-os-Montes. Que já hia apparecendo povo armado em volta da praça de Chaves, dizendo que em breve a sitiariam.

O Barão do Almargem, commandante da 4.ª divisão militar, em officio de 24 de junho de 1846, dizia que os agitadores continuavam a fascinar os povos para se revoltarem a favor de D. Miguel.

O visconde de Alcobaça, commandante da 3.ª divisão militar, em officio de 25 de junho de 1846, dava conta da correspondencia que recebera (do Barão de Lordêllo, o governador civil de Vianna) declarando-lhe mui positivamente, que tanto na provincia do Minho, como na de Traz-os-Montes, se tramava uma conspiração muito forte para o restabelecimento de D. Miguel: que o principio d'ella tinha já apparecido em Val Passos no dia 14, aonde houvera uma revolta puramente miguelista, e em Monte Alegre no dia 16.

O Barão da Varzea do Douro, commandante da 2.ª divisão militar, em officio de 26 de junho de 1846, trata da mesma materia do officio supra de 23 de junho do Barão de Lordêllo.

Antonio de Gouvêa e Vasconcellos, commandante da 6.ª divisão militar, em officio de 26 de junho de 1846, dava conta das providencias que adoptára para ajudar a suffocar o grito sedicioso a favor de D. Diguel, que se levantára em quasi toda a provincia de Traz-os-Montes. Que era muito perigoso que este grito passasse áquem do Douro, pois de certo se communicaria em toda a Beira Alta e Baixa, attento o espirito miguelista que dominava n'estas provincias.

O visconde de Alcobaça, commandante da 3.ª divisão militar, em 26 de junho de 1846, remettia cópia de um officio que recebera do governador civil de Vianna, o qual tratava dos boatos que circulavam no seu districto ácerca da conspiração miguelista, e das proclamações que se espalhavam n'este sentido.

O visconde de Alcobaça, commandante da 3.ª divisão militar, em 30 de junho de 1846, remettia cópia de um officio de 29 de junho, que recebera do Barão do Almargem,

de 1837, e ausente de Portugal por mais de cinco annos, quando voltei em julho de 1846 achava-me completamente desligado, não tinha o menor comportamento politico; o unico pensamento que predominava em mim, era aquelle que manifestei nas conferencias que tive com os generaes do usurpador, a bordo das embarcações de guerra inglezas surtas no Douro, durante o assedio do Porto; o mesmo que busquei levar a effeito antes de entrarmos em Santarém em 1834; o mesmo que ainda hoje me anima; isto é, a união sincera da familia portugueza em volta do throno da nossa incomparavel Rainha (*estrepitosos apoiados*). E não me seria dado exprimir a mágoa, a profunda mágoa, que me causou a convicção que adquiri poucos dias depois da minha chegada, do verdadeiro estado em que nos achavamos. Nunca tinha eu visto em Portugal as paixões tão exaltadas, os partidos tão exigentes: o Duque de Palmella, na presidencia do conselho de ministros, era o unico elemento de ordem que eu via, e muitas vezes fui testemunha das afflicções que o atormentavam, por vêr baldados os seus esforços, não obstante a cooperação efficaz de alguns dos seus collegas, e do governador civil de Lisboa. Para fazer vêr qual era o estado do paiz, pelo que diz respeito aos *miguelistas*, muitos documentos poderia apresentar, tanto das authoridades administrativas, como das judiciaes; mas contentar-me-hei com a leitura de alguns extractos de correspondencias de authoridades militares, durante o tempo em que foram ministros, o *sr. José Jorge Loureiro*, e o sr. Visconde de Sá. Do tempo do ministerio do *sr. José Jorge Loureiro*, ministro da guerra, lerei o seguinte:

«O visconde de Fonte Nova, commandante da 3.ª divisão militar, em 29 de maio de 1846, remetteu cópia de um officio que recebera do visconde de Vallongo, commandante da 4.ª divisão militar, em que dá parte de terem havido vivas a D. Miguel, junto a Gondarem, e em outras partes d'esta divisão.

O Barão de Lordêllo, commandante da 5.ª divisão militar, em officio de 23 de junho de 1846, dizia que se estava desenvolvendo uma revolução puramente miguelista, que em

DISCURSOS

DO

PRESIDENTE DO CONSELHO DE MINISTROS

DUQUE DE SALDANHA

PROFERIDOS

NAS SESSÕES DE 14 E 15 DE FEVEREIRO

NA

CAMARA DOS DIGNOS PARES

POR OCCASIÃO

DAS

ACCUSAÇÕES FEITAS PELA OPPOSIÇÃO

("Diario do Governo," n.os 41 e 42, de 17 e 18 de fevereiro de 1848).

PORTO

NA TYPOGRAPHIA DE S. PEREIRA

Praça de Santa Thereza n.º 23

1848